



UC/FPCE_2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

Imprevisibilidade Familiar e percepção do Suporte Social em famílias sinalizadas para Intervenção Precoce – confronto com famílias de comunidade

Iolanda Carvalho Correia (e-mail:correia.i@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Professora Doutora Teresa Sousa Machado

Imprevisibilidade Familiar e percepção do Suporte Social em famílias sinalizadas para Intervenção Precoce – confronto com famílias de comunidade

Resumo

A imprevisibilidade familiar – definida como a falta de consistência nos comportamentos e sistemas regulatórios da família – tem sido associada a um funcionamento desajustado da família e dos seus membros individuais. Por sua vez, a presença de relações de suporte social tem sido associada a efeitos positivos na parentalidade, particularmente em famílias em risco. Com o objectivo de analisar as relações entre o suporte social percebido pelos progenitores e o grau de imprevisibilidade familiar, comparam-se famílias apoiadas pelos serviços de Intervenção Precoce e famílias da comunidade, com crianças entre os 2 e os 6 anos de idade. Recorreu-se às versões portuguesas da Escala de Imprevisibilidade Familiar (Family Unpredictability Scale - FUS) (Gaspar & Alarcão, 2003) e da Escala de Avaliação do Apoio Social à Família (Family Support Scale – FSS) (Coutinho, 1999). Os resultados sugerem que as famílias em Intervenção Precoce percebem maior imprevisibilidade no afecto do que famílias da comunidade. As famílias apoiadas em Intervenção Precoce atribuem maior utilidade ao apoio que recebem de fontes formais, nomeadamente, dos serviços e profissionais. Quanto às fontes de apoio informais, o suporte prestado por familiares é percebido como o mais útil pelos dois grupos de famílias. Os resultados corroboram, em parte, as hipóteses inicialmente formuladas de que os níveis de imprevisibilidade relatados pelas famílias são menores quando percebem maior suporte social. Verificou-se ainda um efeito do nível de escolaridade, sendo que maior escolaridade se associa a menor imprevisibilidade familiar percebida.

Palavras-chave: Imprevisibilidade familiar, suporte social, intervenção precoce, crianças

Family unpredictability and social support perception in flagged families for Early Intervention – comparison with community families

Abstract

Family unpredictability – defined as a lack of consistency in behaviour and regulation systems of the family – as been associated to maladaptive functioning of the family and its members. On the other hand, the presence of social support relations has been associated with positive effects on parenting, particularly in families at risk. In order to analyse the relationships between perceived social support (by parents) and the degree of family unpredictability, we compare the perceptions of families supported by the Early Intervention services and community families, both with children between 2 and 6 years old. The Portuguese versions of the Family Unpredictability Scale (FUS) (Gaspar & Alarcão, 2003) and the Family Support Scale (FSS) (Coutinho, 1999) were used. The results suggest that families in Early Intervention are more unpredictable in nurturance than community families. The families supported by Early Intervention reported more utility of the support received from formal sources, namely, services and professionals. With regard to informal support sources, the support provided by family members is perceived as most useful by both family groups. The results corroborate, in part, the hypothesis that levels of unpredictability reported by families are smaller when they perceive greater social support. Respondents with higher education levels also report lower family unpredictability.

Key-words: Family unpredictability, social support, Early Intervention, children.

Agradecimentos

À Professora Doutora Teresa Sousa Machado, pela orientação, disponibilidade, dedicação e partilha do seu saber; pela mais-valia das suas sugestões e exigência.

À Doutora Filomena Gaspar e à Doutora Teresa Brandão pela sua pronta disponibilidade no esclarecimento de dúvidas acerca dos instrumentos utilizados.

Aos Dirigentes das Instituições envolvidas neste estudo que tornaram possível a sua realização.

Às Famílias que participaram na investigação, pela disponibilidade e colaboração.

À minha mãe e ao meu irmão pelo seu carinho e apoio, pelo orgulho e confiança que sempre depositaram em mim.

Ao Miguel, pela dedicação e apoio incondicional.

Ao pequeno Lucas, pela esperança que confere ao futuro.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e motivação constantes.

Índice

Introdução	1
1.Enquadramento conceptual	3
1.1.Imprevisibilidade familiar: definição do constructo e impacto no funcionamento familiar e individual	3
1.2.Suporte Social	10
1.2.1.Efeitos do suporte social em famílias e crianças em risco	14
1.3.A Intervenção Precoce	20
2.Objectivos	23
3.Metodologia	24
3.1. Amostra	24
3.2. Instrumentos	25
3.2.1. Questionário Sociodemográfico	25
3.2.2. Escala de Imprevisibilidade Familiar (FUS).....	26
3.2.3. Escala de Avaliação do Apoio Social à Família (FSS).....	27
3.3. Procedimentos	29
4.Resultados	30
4.1 Propriedades psicométricas dos instrumentos.....	30
4.1.1. Escala de Imprevisibilidade Familiar (FUS).....	30
4.1.2. Escala de Avaliação do Apoio Social à Família (FSS).....	31
4.2. Apresentação dos resultados	34
4.2.1. Imprevisibilidade Familiar	34
4.2.2. Imprevisibilidade familiar e variáveis sociodemográficas.	36
4.2.3. Suporte Social	38
4.2.4. Suporte Social e variáveis sociodemográficas	41
4.2.5. Relações entre suporte social e imprevisibilidade familiar	42
5. Discussão.....	44
6. Conclusões	50
Bibliografia	52
Anexos	
Anexo 1 - Consentimento	
Anexo 2 - Questionário Sociodemográfico	

Anexo 3 - Tabelas com os resultados não estatisticamente significativos

Introdução

A imprevisibilidade familiar, entendida como a falta de consistência nos padrões de comportamento familiar, tem sido associada a um funcionamento familiar deficitário assim como a um funcionamento desajustado nos seus membros individuais (Alarcão & Gaspar, 2007; Ross & Hill, 2000). Crescer num sistema familiar onde os acontecimentos e interações são, simultaneamente, incontroláveis e imprevisíveis, traz repercussões particularmente negativas para o desenvolvimento dos membros mais novos da família (Ross & Hill, 2000).

Aos pais cabe a responsabilidade pelo desenvolvimento e bem-estar dos filhos sendo deles esperado para além da satisfação de cuidados básicos (alimentação, saúde, segurança), outros que se traduzem na atmosfera familiar, como por exemplo, estilos relacionais, modelos de comparação, padrões educativos (Coutinho, 2004; Relvas, 1996). Contudo, algumas famílias apresentam-se incapazes de responder apropriadamente às necessidades da criança. Esta incapacidade poderá resultar da falta de apoio e preparação dos pais, da ocorrência de acontecimentos stressantes (e.g. um filho com necessidades especiais, recursos económicos limitados), ou simplesmente de não quererem cumprir com as suas responsabilidades. As dificuldades dos pais em cumprirem consistentemente com as suas funções de modo a garantirem a estabilidade e equilíbrio necessários ao desenvolvimento harmonioso dos filhos podem traduzir-se num sistema familiar pautado pela imprevisibilidade.

Por outro lado, a existência de relações de suporte social tem sido associada a efeitos positivos na função parental, particularmente em famílias em risco (social ou psicológico). O suporte social pode ser sucintamente definido enquanto recursos – informação e bens ou

coisas potencialmente úteis – disponibilizados a um indivíduo ou grupo por membros das suas redes sociais (Dunst, Trivette & Deal, 1988). Considera-se que a satisfação com a rede de suporte social (a percepção de suporte como estando disponível quando necessário e o reconhecimento da sua importância) por parte das famílias poderá ter impacto no funcionamento familiar particularmente no que diz respeito aos comportamentos parentais face à criança.

Sendo o suporte social um dos factores que influencia o funcionamento familiar, constitui-se como uma variável sobre a qual podemos intervir de forma a influenciar positivamente a família (Coutinho, 2004; Craveirinha, 2003).

De entre os diversos tipos de apoio formal disponíveis para famílias e suas crianças, consideradas em risco, a *intervenção precoce* (IP) tem-se apresentado como uma forma eficaz de prestar ajuda à criança e à família (Coutinho, 1999). A investigação neste domínio e a evolução para uma filosofia de atendimento centrada na *família*, conduziram a que esta seja hoje o ponto fulcral de incidência. Esta focalização da IP na família marca a ênfase nos programas que visam o suporte familiar, pressuposto de que o apoio prestado à família pode reflectir-se positivamente no seu funcionamento tornando-a mais capaz e competente para apoiar o desenvolvimento das suas crianças.

Neste contexto, este estudo pretende contribuir para um maior entendimento das relações entre o suporte social percebido e aspectos do funcionamento familiar, particularmente, a imprevisibilidade familiar, ou falta de consistência dos padrões de comportamento parental. Compararam-se dois grupos de famílias com crianças pequenas, entre os 2 e os 6 anos de idade, famílias apoiadas pelos serviços de Intervenção Precoce e famílias da comunidade, com vista a analisar as relações entre a disponibilidade e utilidade do suporte social percebido pelos progenitores e o grau de imprevisibilidade familiar.

O presente trabalho consolida-se em duas partes. A primeira é relativa à revisão da literatura e pretende constituir um enquadramento teórico-conceptual que sirva de referência ao estudo empírico que será descrito na segunda parte. Consta de três capítulos. No primeiro aborda-se o constructo de imprevisibilidade familiar e as suas implicações no desenvolvimento. Num segundo capítulo é abordado o constructo de suporte social bem como os seus efeitos no funcionamento familiar e desenvolvimento da criança. Por fim, faz-se um enquadramento aos programas de Intervenção Precoce e sua relevância para as famílias e crianças em risco.

Numa segunda parte é apresentada a investigação. No primeiro capítulo são apresentados os objectivos e hipóteses de investigação, a caracterização das amostras e instrumentos utilizados. No segundo capítulo são apresentados os resultados. Por último, procede-se à discussão dos mesmos à luz do enquadramento teórico-conceptual apresentado na primeira parte.

1. Enquadramento conceptual

1.1. Imprevisibilidade familiar: definição do constructo e impacto no funcionamento familiar e individual

Segundo Ross e Hill, “a imprevisibilidade familiar ocorre quando os elementos da família não são capazes de, ou não querem, cumprir consistentemente com as suas responsabilidades tais como cuidar (dar afecto e alimento). A imprevisibilidade familiar também ocorre quando falham os sistemas de regulação ou mecanismos de manutenção das expectativas (a violação das regras não é punida). Os pais, ou outros cuidadores primários, são [assim] considerados como elementos chave do caos ou instabilidade familiares” (2000, p.549).

Famílias caracterizadas por uma maior imprevisibilidade apresentam maiores probabilidades de experienciar um menor número

de rotinas familiares, menor envolvimento afectivo entre os seus membros, maior confusão de papéis, padrões de comunicação e competências de resolução de problemas mais deficitários, maiores níveis de inconsistência no afecto e disciplina e maior desacordo parental (Ross & Hill, 2000, 2001; Ross & McDuff, 2008). A falta de consistência nos comportamentos e sistemas regulatórios da família parece associar-se a um pobre funcionamento e saúde familiares, surgindo ainda relacionada com um funcionamento desajustado dos seus membros individuais, nomeadamente, pais e crianças (Ross & Hill, 2000).

Dos estudos que se têm centrado no impacto da imprevisibilidade familiar na criança, vários têm apontado precisamente que viver numa família caótica se associa a um pobre funcionamento traduzido muitas vezes em problemas emocionais, de comportamento, atenção, envolvimento em comportamentos anti-sociais, abuso de substâncias e adopção de um maior número de comportamentos de risco (Dekovic, Janssen & Van As, 2003; Dwairy, 2010; Hill, Jenkins & Farmer, 2008; Petrill, Pike, Price & Plamin, 2004; Ross & Hill, 2000, 2001, 2002; Ross & McDuff, 2008; Scalf-McIver & Thompson, 1989).

Os efeitos da imprevisibilidade familiar assumem maior relevância se tivermos em conta que crescer numa família em que os acontecimentos e as interacções são, simultaneamente, incontrolláveis e imprevisíveis, poderá conduzir a uma crença estável de que também o meio e o futuro o serão (Ross & Hill, 2002). Com efeito, a capacidade de perceber o mundo como previsível tem origem em experiências e percepções vivenciadas durante a infância (Ross & Hill, 2000; 2002).

Ross e Hill (2000; 2002) baseiam o constructo de imprevisibilidade familiar na teoria da vinculação de Bowlby e na teoria do abandono aprendido de Overmier e LoLordo. A teoria da

vinculação explica de que modo as relações precoces e contínuas influenciam a criança, particularmente, na construção de expectativas acerca dos outros e do meio e na representação do self. A qualidade dos cuidados experienciados pela criança, em termos da disponibilidade, sensibilidade e responsividade aos seus sinais e solicitações, por parte dos seus principais cuidadores, determinará a qualidade da vinculação a essas figuras. Uma prestação de cuidados consistente promove uma vinculação segura levando a criança a acreditar que os seus comportamentos afectam o meio (Chisholm, 1996; Cook, 2000; Machado, 2009; Ross & Hill, 2000). Assim, um sentido de previsibilidade ou imprevisibilidade do ambiente é estabelecido precocemente.

Por sua vez, a teoria do abandono aprendido defende que acontecimentos imprevisíveis e incontroláveis (em oposição a acontecimentos incontroláveis mas previsíveis), podem levar à construção de uma crença crónica de que pessoas e forças externas determinam o destino (Danker-Brown & Baucom, 1982; Peterson, 1985; Ross & Hill, 2000).

É com base nestes princípios que Ross e Hill (2002) propõem um modelo em que consideram que a imprevisibilidade durante a infância irá contribuir para a formação de esquemas de imprevisibilidade e que estes, por sua vez, permitem predizer o envolvimento em comportamentos de risco.

A forma como interpretamos os acontecimentos e interacções que ocorrem nas nossas vidas é amplamente afectada pelos nossos esquemas, isto é, pelas estruturas cognitivas mediante as quais armazenamos e organizamos a informação e as experiências, e que influenciam a nossa atenção, memória e a interpretação da informação (Markus & Zajonc, 1985, cit. *in* Ross & Hill, 2002). Assim, indivíduos que crescem num meio caracterizado pela imprevisibilidade, provavelmente irão incorporar as suas experiências

num sistema de crenças em que o mundo é basicamente tido como imprevisível (Ross & Hill, 2002). Um esquema de imprevisibilidade pode ser assim definido “*as a pervasive belief that people are undependable and the world is chaotic*” (Ross & Hill, 2002, p. 458). As autoras defendem ainda que os indivíduos com um esquema de imprevisibilidade terão maior propensão para o envolvimento em comportamentos de risco na medida em que para estes o “aqui e agora” se torna mais saliente. O futuro assume menor importância para estes sujeitos e há maior probabilidade de se envolverem em comportamentos de risco que impliquem recompensas imediatas apesar dos custos a longo prazo (Hill et al., 2006; Ross & Hill, 2002).

Numa tentativa de avaliarem este esquema de imprevisibilidade em jovens adultos, Ross e Hill (1995, cit. in Ross & Hill, 2002) encontraram, tal como esperavam, uma correlação negativa entre a imprevisibilidade e crenças de auto-eficácia, e positiva com um *locus* de controlo externo. Resultados de vários estudos retrospectivos (nos quais os adultos descrevem as suas famílias de origem) têm vindo a corroborar os impactos negativos a longo prazo da imprevisibilidade familiar. Entre estes, têm sido encontradas correlações entre sintomas de distúrbios alimentares e depressão em estudantes universitárias e os resultados retrospectivos de inconsistência no afecto e disciplina parental durante a infância e adolescência (Ross e Gill 2002; Scalf-McIver e Thomson, 1989); um efeito mediador das percepções retrospectivas de imprevisibilidade parental na associação entre ter um pai ou mãe alcoólico e o consumo de álcool nos jovens adultos (indicando que o consumo de álcool nos adultos não estaria associado ao consumo parental de álcool em si, mas à imprevisibilidade familiar que é mais comum em pais alcoólicos) (Ross & Hill, 2001); um efeito mediador das percepções retrospectivas de imprevisibilidade familiar na associação entre depressão parental e sintomas depressivos nos filhos adolescentes (a depressão parental tende a associar-se a maior

instabilidade, inconsistência e imprevisibilidade familiar e estas, por sua vez, têm impacto na saúde psicológica dos filhos) (Ross & Wyne, 2010); associações entre a percepção da consistência nas atitudes e regras parentais em adolescentes de 13 anos e a sua saúde psicológica aos 50 anos (Hightower, 1990, cit. in Ross & Hill, 2000, 2002); ou associações entre imprevisibilidade familiar e inversões de papéis familiares – assumindo a criança funções parentais (estando esta inversão associada a sintomas depressivos e ambivalência relativa ao papel de dependência, e constituindo-se como uma forma de a criança adquirir algum sentido de controlo num ambiente de imprevisibilidade) (Burnett, Jones, Bliwise & Ross, 2006).

Ross e Hill (2002) reconhecem que o seu modelo é incompleto na medida em que ignora outras possíveis influências na adopção de comportamentos de risco; porém sublinham que o seu objectivo não é oferecer uma explicação absoluta mas chamar a atenção para um factor até então subestimado (não esquecendo a influência da personalidade e do temperamento na formação de esquemas cognitivos). De salientar é também a linearidade do modelo ao centrar-se apenas no modo como a parentalidade influencia a criança. Não podemos deixar de reconhecer que também as crianças influenciam os comportamentos e as respostas dos seus cuidadores. Independentemente dos factores que contribuem para a imprevisibilidade familiar, parecem não restar dúvidas quanto à importância de se avaliar e procurar compreender este constructo enquanto indicador da vulnerabilização familiar e individual.

Deparando-se com a inexistência de um instrumento de auto-resposta que permitisse obter informação detalhada sobre o constructo, Ross & Hill (2000) propuseram-se criar uma escala que permitisse a sua avaliação. Desenvolveram a “*Family Unpredictability Scale*” (FUS), uma escala de auto-resposta constituída por 22 itens que avalia a inconsistência familiar em quatro

domínios distintos: *afecto*, *disciplina*, *refeições* e *finanças*. A escala foi desenvolvida e validada a partir de uma amostra de pais casados, ou em união de facto há mais de dois anos, com filhos entre os 2 e os 18 anos de idade, sugerindo os dados que uma maior imprevisibilidade familiar, especialmente na disciplina e no afecto, estava associada a mais problemas emocionais, de atenção e comportamento entre as crianças e maior ansiedade e depressão nos pais (Ross & Hill, 2000).

Recentemente, Ross e McDuff (2008) construíram a “*Retrospective Family Unpredictability Scale*” (Retro-FUS), na qual os adultos descrevem a sua família de origem. A escala, constituída por 28 itens, avalia a inconsistência da família de origem dos respondentes em seis domínios: *refeições*, *finanças*, *afecto materno*, *afecto paterno*, *disciplina materna* e *disciplina paterna*. Os resultados na Retro-FUS foram superiores em sujeitos que reportaram a presença de factores como o divórcio dos pais, adversidade económica, maior criminalidade na vizinhança e maior probabilidade de alcoolismo parental durante a sua infância e adolescência (Ross & McDuff, 2008).

A par dos avanços em torno do constructo de imprevisibilidade familiar, Alarcão e Gaspar (2007) validaram a FUS para a população portuguesa, constituída por 22 itens e pelos mesmos quatro domínios da FUS original. Os resultados neste estudo - com mães de crianças e adolescentes com idades entre os 2 e os 18 anos – sugerem que na nossa população, a área de funcionamento familiar que apresenta menos imprevisibilidade é a das *refeições*; que mães com três ou mais filhos relatam mais imprevisibilidade familiar no total da FUS e no domínio *finanças*, quanto maior o nível de escolaridade da mãe menor a imprevisibilidade familiar; e quanto maior a imprevisibilidade, mais dificuldades de comportamento, atenção, emocionais, de relação e de aprendizagem são identificados na criança pela mãe. À semelhança

dos resultados da amostra americana, verificou-se um aumento da imprevisibilidade familiar com a idade; relatando as mães de adolescentes maior imprevisibilidade global do que aquelas que têm filhos em idade escolar ou pré-escolar (Alarcão & Gaspar, 2007). Estes resultados podem ser reflexo de processos desenvolvimentais: os adolescentes passam menos tempo com os pais, estão mais ligados ao grupo de pares, tornam-se mais independentes e têm rotinas mais irregulares devido à sua participação em mais actividades (actividades desportivas, participação em bandas, clubes...) (Ross & Hill, 2000). Por sua vez, crianças em idade pré-escolar são mais dependentes requerendo cuidados e rotinas mais consistentes por parte dos progenitores.

A imprevisibilidade familiar tem mostrado ser um indicador da vulnerabilidade da família e dos seus membros individuais. Embora não seja claro se são o stresse emocional ou dificuldades de ajustamento que contribuem para a imprevisibilidade familiar, se é a imprevisibilidade que contribui para essas dificuldades, ou outros factores contribuem para ambos (Ross & Hill, 2000); isto é, independentemente da imprevisibilidade ser causa ou consequência dos problemas da criança e dos pais, a avaliação do nível de imprevisibilidade familiar assume-se relevante para a detecção e intervenção junto de famílias em risco.

Uma vez sinalizadas a criança e a família como estando em risco, poderão ser mobilizados programas de intervenção onde “profissionais e famílias possam identificar os pontos fortes e as fragilidades do sistema de modo a equacionar e discutir soluções de mudança” (Alarcão & Gaspar, 2007, p. 100). Sendo a criança afectada a curto, médio e longo prazo, pelo disfuncionamento familiar, torna-se de extrema importância intervir junto dos seus cuidadores promovendo neles comportamentos “previsíveis”; incluindo responder de modo consistente ao comportamento da criança e estabelecer e

cumprir rotinas e rituais familiares que, por sua vez, irão favorecer, na criança, o desenvolvimento de esquemas cognitivos de que o mundo é basicamente previsível e que os seus comportamentos afectam o meio, conferindo-lhe a percepção de controlo sobre o mesmo.

1.2. Suporte Social

As origens do conceito de suporte social remontam ao início dos anos 70 do século XX, quando autores como Caplan (1974), Cassel (1975) ou Cobb (1976) começam a centrar o seu interesse no efeito protector dos processos psicossociais. Segundo estes autores, o suporte social desempenha uma importante função na promoção da saúde podendo contribuir para diminuir a vulnerabilidade à doença física e psicológica.

Através dos seus estudos, Cassel foi um dos primeiros a evidenciar a importância de determinados aspectos do ambiente social, nomeadamente a presença de membros significativos, enquanto factores protectores que podem moderar as consequências fisiológicas e psicológicas resultantes da exposição a situações de stresse (Cassel, 1975; Kaplan, Cassel & Gore, 1977). Seguindo a mesma linha, Caplan (1974) introduz a noção de sistema social para se referir ao conjunto das relações estabelecidas com pessoas significativas e define suporte social enquanto “padrão duradouro de laços, contínuos ou intermitentes, que desempenham um papel significativo na manutenção da integridade física e psicológica do indivíduo ao longo do tempo” (p.7). Foi graças a Cobb (1976) que o termo passou a integrar o léxico científico quando, em 1976, no seu discurso de presidente da Sociedade Americana de Medicina Psicossomática, define suporte social enquanto três classes de informação, “informação que leva o sujeito a acreditar que 1) é amado e que as pessoas se preocupam com ele; 2) que é apreciado e tem valor; 3) e que pertence a uma rede de comunicação e obrigações mútuas” (p.

300).

Nas décadas de 80 e 90 proliferaram na literatura os artigos sobre o constructo de suporte social. No entanto, a diversidade de definições apresentadas e as diferentes medidas para o avaliar utilizadas nos estudos levados a cabo, conduziram a resultados contraditórios relativamente ao seu papel (Bruhn & Philips, 1984; Cohen & Wills, 1985; Henly, 1997). Dois principais modelos competem para explicar as associações positivas encontradas entre suporte social e bem-estar, o *modelo do efeito global* ou directo (*direct effect model*) e o *modelo do efeito amortecedor* (*buffering model*). De acordo com o primeiro, o suporte social exerce uma influência positiva sobre a saúde e bem-estar independentemente de a pessoa estar ou não a vivenciar acontecimentos stressantes; segundo o *modelo do efeito amortecedor* (também designado “*stress buffering hypothesis*”) o suporte social exerce os seus efeitos benéficos na presença de um stressor atenuando os seus possíveis efeitos adversos (Beckley, 2006; Cohen & McKay, 1984; Cohen & Wills, 1985). Uma revisão de diversos estudos sugere que ambos os modelos se aplicam, cada um reflectindo processos diferentes relativamente ao papel do suporte social no bem-estar dos indivíduos (Cohen & McKay, 1984; Cohen & Wills, 1985). O suporte social é um factor presente no nosso quotidiano (exercendo um efeito global) que adquire especial importância em momentos de maior stresse; embora a necessidade de suporte possa ser superior em momentos de stresse, ele não desaparece quando deixa de ser necessário (Bruhn & Philips, 1983; Cohen & Wills, 1985).

O entendimento do suporte social como um constructo multidimensional e a necessidade de uma maior compreensão dessas dimensões levou os investigadores a diferenciarem os aspectos estruturais e funcionais das redes de suporte bem como a distinguir entre as dimensões qualitativa e quantitativa do constructo (Bruhn &

Philips, 1983; Henly, 1997; Israel, 1985). As redes de suporte social (*social support networks*) referem-se ao conjunto de relações entre os indivíduos cujas características podem ser categorizadas em termos estruturais e funcionais (Israel, 1985). As características estruturais referem-se às ligações existentes e à composição das redes de suporte como o seu tamanho (número de contactos sociais) e densidade (percentagem de pessoas da rede que se conhecem entre si). As características funcionais referem-se às funções desempenhadas pelos membros da rede ou tipos de suporte que oferecem (Bruhn & Philips, 1984; Henly, 1997). Vários autores (e.g. Helgeson, 2003; House, 1981; Seeman, 1998; Serra, 1999) fazem a distinção entre tipos de suporte social sendo o suporte emocional, instrumental e informacional os mais estudados e consensualmente identificados entre os autores. O suporte emocional tende a ser percebido como expressão de cuidado, apoio e preocupação do outro; o suporte instrumental envolve ajudas tangíveis e práticas (apoio financeiro, fornecimento de bens e serviços, etc.); e o suporte informacional refere-se a informações e conselhos de terceiros que o indivíduo recebe e que o podem ajudar na resolução de problemas ou tomada de decisões (Siqueira, 2008).

Ao analisarmos os processos de suporte social devemos ter em conta as suas dimensões qualitativa e quantitativa (Bruhn & Philips, 1983; Cohen & Wils, Henly, 1997; Sarason, Levine, Basham & Sarason, 1983). A dimensão quantitativa compreende aspectos como a presença e disponibilidade de relações de suporte. Quanto maior o número de amigos, vínculos familiares e a participação em diferentes organizações, maior a probabilidade do sujeito beneficiar dos efeitos positivos do suporte social (Bruhn & Philips, 1983). Contudo, “disponibilidade não implica função nem eficácia” (Crnic & Stormshak, 1997, p. 210), sendo necessário avaliar o grau de satisfação dos indivíduos com o suporte que recebem. Esta dimensão

qualitativa do suporte assenta nas percepções dos indivíduos relativamente à utilidade do suporte que recebem e tem-se apresentado mais fortemente associada ao bem-estar físico e psicológico (Israel, 1985). Os efeitos do suporte social parecem assim depender mais da percepção e satisfação do indivíduo com o apoio que recebe do que do número de contactos ou da sua frequência (dimensão quantitativa do suporte).

A complexidade da concepção do suporte social reflecte-se igualmente nos meios para a sua avaliação. A multidimensionalidade do constructo conduziu à multiplicidade de medidas para o avaliar, cada uma considerando determinados componentes ou dimensões do suporte social, mas nenhuma por si só capaz de o contemplar na sua globalidade (Ribeiro, 1999). As medidas existentes avaliam diversos aspectos do suporte incluindo sentimentos e percepções, integração e participação social, funções ou tipos de suporte recebido, o número de contactos sociais (Bruhn & Philips, 1983). Os resultados obtidos em relação aos efeitos do suporte social têm sido diversos, em parte, precisamente porque as medidas para o avaliar se têm centrado em diferentes aspectos do suporte bem como nos seus efeitos em diferentes circunstâncias (sintomas físicos e psicológicos, stresse, bem-estar, transições de vida, funcionamento familiar, estilos de coping) (Bruhn & Philips, 1983; Cohen & McKay, 1984; Cohen & Wills, 1985; Henly, 1997). Também muitas das medidas de avaliação do suporte foram inicialmente criadas para testar os dois principais modelos de suporte social – *modelo do efeito directo* e *modelo do efeito amortecedor* – reflectindo as diferentes perspectivas sobre o constructo (Cohen & Wills, 1985)¹. As medidas mais recentes tendem a

¹ Resultados em consonância com o modelo do efeito amortecedor são geralmente obtidos quando os instrumentos utilizados se centram na avaliação das percepções do sujeito relativamente à disponibilidade de recursos interpessoais que lhe permitem responder às necessidades despoletadas por acontecimentos de stresse.

privilegiar dimensões subjectivas (qualitativas) como as percepções da utilidade e satisfação com o suporte social (Siqueira, 2008).

Apesar de não existir uma definição única de suporte social, uma das funções mais relevantes desempenhadas pelas redes de apoio social é estas completarem as capacidades do indivíduo (Serrano, 1997). “A importância das redes na construção social reside no pressuposto de que elas preenchem as necessidades individuais, criando para os seus integrantes inúmeras oportunidades de manter a sua identidade social, receber apoio, ajuda material, serviços, informações e novos contactos sociais” (Siqueira, 2008, p.382).

O grande esforço de construção conceptual permitiu que o suporte social, a partir dos anos 90, fosse entendido como um constructo complexo e multidimensional, mas possível de ser avaliado com objectividade científica mediante instrumentos de avaliação psicológica. A partir daqui, o suporte social tornou-se igualmente numa área privilegiada de intervenção nos mais diversos campos científicos como o da medicina, psicologia e ciências sociais (Pinheiro, 2003).

1.2.1. Efeitos do suporte social em famílias e crianças em risco

A par do interesse despertado em torno dos impactos do suporte social na saúde física e mental, nos inícios dos anos 80 do séc. XX assiste-se ao proliferar da investigação centrada nas suas influências, directas e indirectas, no desempenho das funções parentais e no desenvolvimento e comportamento da criança, e o constructo adquire um papel central no contexto da perspectiva ecológica do desenvolvimento humano.

A revisão de estudos levada a cabo por Dunst e colaboradores

Instrumentos que avaliam o grau de integração do sujeito numa rede social alargada, geralmente reflectem resultados que vão ao encontro do modelo do efeito directo do suporte social (Cohen & Wills, 1985).

Imprevisibilidade familiar e percepção do suporte social em famílias sinalizadas para Intervenção Precoce – confronto com famílias de comunidade
Iolanda Carvalho Correia (e-mail:correia.i@hotmail.com) 2012

levou os autores a concluir que o suporte social e os recursos extra familiares podem influenciar, directa e indirectamente, o bem-estar da família, o funcionamento familiar e da criança, os estilos de interacção parental, a satisfação com as funções parentais, as aspirações pessoais e para a criança, as atitudes em relação à criança, o temperamento, comportamento e desenvolvimento da criança (Dunst, et al. 1988).

Várias hipóteses são colocadas relativamente às formas pelas quais o apoio social tende a exercer as suas influências. O suporte social pode funcionar como um filtro perante condições de stresse (*modelo do efeito amortecedor*), o qual de forma cumulativa pode implicar distúrbios no funcionamento familiar e nas funções parentais. O apoio recebido poderá não eliminar ou reduzir essas condições mas permitir ao indivíduo continuar a funcionar de forma relativamente saudável (Crockenberg, 1988). O suporte pode funcionar como um activador de estilos de *coping* mais positivos, entendendo-se por *coping* “os esforços cognitivos e comportamentais, em constante mudança, que o indivíduo mobiliza para enfrentar exigências internas e/ou externas que são percebidas pelo sujeito como superiores aos seus recursos” (Lazarus & Folkman, 1986, cit. in Azêdo, 2010, p.47; Pakenham & Bursnall, 2005). Igualmente, a possibilidade de observação e posterior imitação de outros modelos, estilos de interacção e de estratégias utilizadas na resolução de problemas através de processos de aprendizagem vicariante (Coutinho, 1999), poderá ser uma das formas como o apoio recebido das redes sociais exerce os seus efeitos sobre os pais, influenciando as suas atitudes e interacções com a criança. O apoio social pode ter ainda um impacto directo na criança pelas oportunidades que lhe oferece em termos de relacionamento próximo com outras pessoas (por exemplo os avós) (Coutinho, 1999), o que poderá ser particularmente importante quando os pais, por diversos factores, se vêm limitados nas suas funções.

São vários os autores (e.g. Alexandre & Felizardo, 2010;

Barrera, Rosenbaum & Cunningham, 1986; Dunst et al., 1986, 1988, 1997, 1998; Coutinho, 1999; Crnic & Stormshak, 1997; Crockenberg, 1988; Flores, 1999; Pimentel, 1997; Simeonsson & Bailey, 1990) que sugerem que o suporte social tem efeitos positivos na função parental e, conseqüentemente, na promoção do desenvolvimento da criança. Os apoios que os pais recebem no decurso das interacções com os membros da sua rede de suporte poderão ter impacto nos seus comportamentos, saberes, atitudes e expectativas, reflectindo-se de forma positiva não apenas no funcionamento da família mas também da criança. De acordo com Crnic e Stormshak (1997), se a família constitui o principal contexto de desenvolvimento da criança, a influência do suporte social que recebe irá repercutir-se, directa e indirectamente, na criança.

Dunst e colaboradores (1988) apresentam um modelo bastante elucidativo para explicar as influências directas e indirectas do apoio social que é prestado à família.

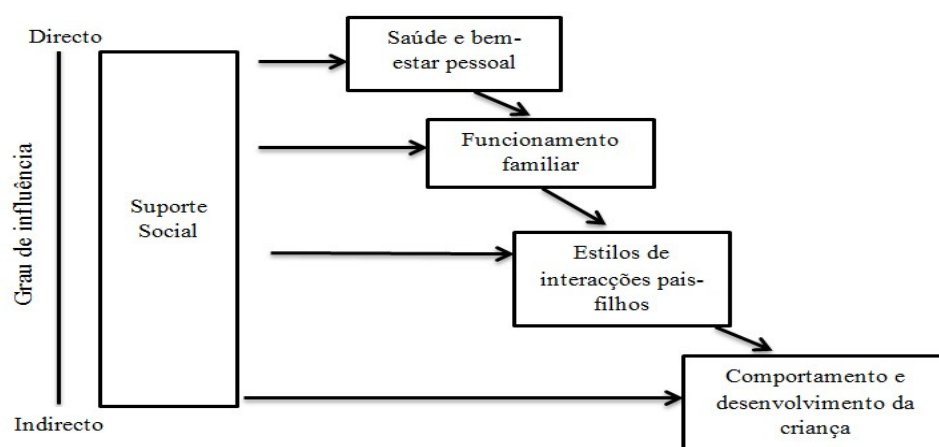


Figura 1 - Modelo das influências directas e indirectas do apoio social (Dunst, Trivette & Deal, 1988, p. 31)

Deste modo, o suporte social e a existência de recursos de apoio influenciariam a saúde e o bem-estar dos pais, o que por sua vez viria a ter implicações no funcionamento familiar; o suporte, o bem-estar e

o funcionamento familiar iriam influenciar os estilos parentais e o tipo de cuidado com os filhos; e todos estes factores, de forma independente, ou combinada, teriam impacto no comportamento e desenvolvimento da criança (Dunst, et al., 1988; Dunst, et al., 1997).

Segundo Dunst e Trivette (1986), as mães com um bom suporte social têm maior capacidade para iniciar interações positivas com a criança e para responder às suas solicitações. Também Canavarro e Pereira (2001), num estudo com mães adolescentes, verificaram que o apoio social parece ocupar um lugar preponderante enquanto factor protector quer para a mãe como para o seu filho: o apoio aumenta a probabilidade de uma transição e adaptação bem sucedida às exigências da parentalidade, associando-se a menor psicopatologia materna e maior qualidade dos cuidados prestados à criança. Noutro estudo observou-se que mães com elevado nível de suporte social parecem também experienciar níveis elevados de auto-eficácia parental e baixos níveis de depressão (Cutrona & Troutman, 1986, cit. *in* Pinheiro, 2003).

Dunst e Trivette (1990) distinguem duas fontes de suporte social, informal e formal. As fontes de suporte informais incluem indivíduos (familiares, amigos, vizinhos, etc.) e grupos sociais (clubes, grupos de apoio, etc.), que estão geralmente disponíveis para fornecer apoio à família no decurso da sua vida diária em resposta a acontecimentos de vida normativos e não normativos. As redes de suporte formal incluem organizações e serviços formais (hospitais, programas de intervenção precoce, serviços de assistência social, etc.), e profissionais (médicos, assistentes sociais, psicólogos, etc.), formalmente organizados para fornecer ajuda e assistência às pessoas que os necessitam. Da revisão de estudos realizada por Dunst e colaboradores (1988; 1997), um padrão de resultados merece especial atenção: o suporte informal, ao invés do providenciado pelas fontes formais, tem demonstrado maior impacto e relação com os efeitos

positivos, directos e indirectos, no funcionamento familiar e na criança. Os próprios autores (Dunst & Trivette, 1987, cit. *in* Dunst et al., 1997) encontraram uma relação entre o suporte proveniente de fontes informais e o modo como os pais percebem o comportamento dos seus filhos, quanto maior o suporte disponível menos os pais tendem a perceber o comportamento da criança como problemático ou difícil; Bradley e colaboradores e Dunst e Trivette (*in* Dunst et al., 1997) encontraram ainda uma relação entre o suporte informal e um aumento das oportunidades de brincadeira entre os pais e as suas crianças bem como uma maior qualidade dos comportamentos parentais. Os autores avançam que, tal como as evidências parecem demonstrar, as transacções de apoio entre os membros das redes sociais pessoais caracterizam-se por uma maior proximidade psicológica e emocional e por cuidados mútuos que parecem influenciar o grau em que o suporte exerce os seus efeitos positivos.

No entanto, apesar dos efeitos que o suporte social parece exercer, é importante não esquecer que, num contexto ecológico-social, o apoio social representa apenas um dos diversos factores intra e interpessoais e ambientais que contribui para as variações no funcionamento e comportamento dos indivíduos (Dunst et al., 1997).

A par deste facto, Dunst e colaboradores (1997) apresentam uma estrutura paradigmática na qual se basearam em algumas das suas investigações:

$$B = f(F, I, S, C, E)$$

Nesta fórmula, B representa um critério de resultados ou medidas (por exemplo, funcionamento familiar, parental ou da criança) que varia em função de F (características dos pais e da família), de I (estilo interpessoal de lidar com as situações; *coping*), de S (suporte social), de C (características da criança) e E (características ambientais). Assim, é de esperar que as características parentais e

familiares (idade dos pais, habilitações académicas, estatuto sócio-económico, etc.), a capacidade interpessoal de lidar com as situações, o suporte social e condições ambientais (condições de vida, características da área de residência, etc.), exerçam efeitos cumulativos e interactivos no desenvolvimento e comportamentos (Trivette, Dunst & Hamby, 1996, cit. *in* Serrano, 1997).

Para além do interesse despertado na investigação, as abordagens ao suporte social vieram também influenciar alguns serviços e práticas de intervenção. Muitos programas de intervenção alteraram o seu foco de actuação, deixando de se centrar nos indivíduos isolados para passarem a valorizar as relações entre os membros da família, e entre a família como um todo e a comunidade envolvente. O reconhecimento da importância de se fornecerem e mobilizarem os recursos e apoios necessários ao fortalecimento do funcionamento familiar tornou-se num dos principais focos de uma grande parte de programas de apoio à família (Dunst et al., 1997).

Crockenberg (1988) refere que quando o sistema de apoio informal dos pais é limitado ou insuficiente para as necessidades da família, os profissionais podem constituir-se como uma fonte valiosa de suporte. Os sistemas de apoio e serviços adequados podem ajudar as famílias em risco a adaptar-se melhor à parentalidade e a alcançar a normalização do seu estilo de vida (Barrera et al., 1986; Crockenberg, 1988; Crnic & Stormshak, 1997; Dunst et al., 1997).

Porém, determinados tipos de apoio ou a forma como eles são percebidos, podem ter efeitos negativos para os seus receptores. As intervenções e apoios provenientes de fontes formais têm mais probabilidades de exercer um impacto positivo quando o fornecimento de suporte e a mobilização de recursos são orientados para a família e levados a cabo em resposta às suas necessidades e preocupações (Affleck, Tennen, Rowe, Roscher & Walker, 1989; Dunst et al., 1997). Quando a família não percebe o suporte como sendo

necessário os efeitos da intervenção tendem a ser menos positivos, podendo mesmo ser percebida como intrusiva e opressiva (Affleck et al., 1989; Henly, 1997).

Parece assim claro que uma das principais funções do sistema de apoio é providenciar uma base sólida aos pais, que lhes permita facilitar um desenvolvimento mais positivo das suas crianças. Os recursos e as redes de apoio de que a família dispõe parecem assumir-se como factores determinantes para a melhoria da sua qualidade de vida.

1.3. A Intervenção Precoce

De entre os diversos tipos de apoio formal disponíveis para famílias com crianças pequenas, consideradas em risco, a Intervenção Precoce (IP) tem-se apresentado como uma forma eficaz de prestar ajuda à criança e à família (Coutinho, 1999). Tida como “o conjunto de medidas de apoio integrado centrado na criança e na família, incluindo acções de natureza preventiva e reabilitativa, designadamente no âmbito da educação, da saúde e da acção social” (alínea a) do artigo 3º do Decreto-Lei nº281/2009), a IP apresenta-se no nosso país como um serviço público da responsabilidade de três Ministérios, Saúde, Educação e Trabalho e Solidariedade Social.

A IP abrange crianças entre os 0 e os 6 anos e respectivas famílias, que se encontram em situações de risco, entendendo-se por risco a existência ou a probabilidade de ocorrência de alterações no curso normal do desenvolvimento. De entre os factores de risco que determinam a elegibilidade para a IP salientam-se os decorrentes de condições médicas específicas ou síndromes; atrasos de desenvolvimento sem etiologia conhecida; factores de risco biológico (factores presentes nos períodos pré-natal, neonatal ou pós-natal que possam deixar sequelas a nível do desenvolvimento, ou antecedentes

familiares suspeitos que podem vir a traduzir-se em futuros défices); ou condições de risco ambiental que incluem características dos pais (défices cognitivos, doença mental, alcoolismo...), características da estrutura familiar (pobreza, isolamento social, família monoparental, mães adolescentes...), características do funcionamento familiar (negligência, violência doméstica, preocupação relativamente ao estilo parental ou interacção pais-criança...); ou acontecimentos de vida negativos (hospitalizações, desemprego...).

As primeiras experiências de IP iniciaram-se nos EUA, em finais da década de 50, tendo o modelo médico como quadro teórico de referência. As práticas de IP centravam-se na criança e na sua deficiência, os profissionais eram tidos como peritos e a intervenção tinha essencialmente um cariz reabilitativo sob os aspectos patológicos (Simeonson & Bailey, 1990).

A partir dos anos 80 tanto a família como a criança passam a ser vistos como alvos de intervenção e reconhece-se a necessidade de um maior e mais activo envolvimento dos pais enquanto principais educadores da criança (Simeonsson & Bailey, 1990). Iniciado o trabalho com a família, começa a enfatizar-se a necessidade de conhecer a sua individualidade sob o pressuposto de que para conhecermos a criança temos de estar a par do funcionamento familiar e social e que ao agirmos também sobre a família estamos a intervir na criança, quer seja directa ou indirectamente (Serrano, 2007).

A perspectiva centrada na família assumida no contexto de IP marca assim o aparecimento da referência à importância de programas que visem o suporte familiar. Partindo de uma perspectiva ecológica do desenvolvimento humano e encarando a família como um todo sistémico, elemento constante na vida da criança do qual ela depende, as práticas de IP actuais lançam o convite à participação da família sob a premissa de que sem a sua colaboração e participação activa a intervenção não terá o sucesso pretendido. O foco de qualquer

programa de IP deve ir além do desenvolvimento da criança centrando-se também na melhoria das competências parentais e das relações familiares, atendendo igualmente a fontes de stresse e de apoio. O papel dos serviços de IP é o de ajudar a família a tomar as suas próprias decisões, a encontrar e mobilizar os recursos de que necessita e a promover a sua independência face aos profissionais.

O modelo de intervenção centrada na família foi inicialmente proposto por Dunst e seus colaboradores em 1985. A definição de IP proposta pelo autor enfatiza os recursos e o apoio social bem como o impacto que estes factores podem ter no funcionamento das famílias e crianças em risco. De acordo com a sua definição, Dunst considera que a IP pode ser entendida enquanto “a prestação de apoio (e recursos) a famílias de bebés e crianças por parte dos membros das redes de suporte social formais e informais que afectam tanto directa como indirectamente o funcionamento dos pais, da família e da criança” (Dunst, 1995, cit. *in* Dunst, et al., 1997, p.501).

O apoio proporcionado pelas redes sociais constitui-se como um importante recurso para as famílias sinalizadas para a IP. Assim, o funcionamento da família bem como os recursos de que dispõe serão determinantes na sua capacidade de dar resposta ao seu leque de necessidades específicas influenciando deste modo o seu nível de competência no cumprimento das suas funções (Coutinho, 1999). Por sua vez, o suporte proporcionado à família, facilita a função parental promovendo consequentemente o desenvolvimento da criança (Crockenberg, 1988). De acordo com Guralnick (1997), o programa de IP vai ajudar a família a enfrentar e a superar os “stressores” a que está sujeita, auxiliando-a no alcance de um padrão de funcionamento familiar que se espera influenciar positivamente os resultados desenvolvimentais da criança.

2. Objectivos

No presente estudo pretenderam-se explorar as relações entre imprevisibilidade familiar e as percepções de suporte social em famílias de crianças apoiadas pela IP. Com este propósito foram delineados os seguintes objectivos: a) descrever os níveis de imprevisibilidade familiar das famílias de crianças em IP; b) analisar as suas percepções da disponibilidade e utilidade do suporte social proveniente das redes sociais informais e formais; c) explorar as relações entre suporte social percebido e o grau de imprevisibilidade familiar; d) perceber a influência de variáveis sociodemográficas, nomeadamente, o nível de escolaridade, estado civil e o número de filhos, na imprevisibilidade familiar e no suporte social percebido; e) comparar os resultados apresentados pelas famílias de crianças em IP com os de famílias da comunidade, com crianças pequenas, nos vários aspectos anteriormente referidos (de a) a d)).

Atendendo aos objectivos propostos e na sequência da revisão bibliográfica apresentada, foram estabelecidas as seguintes hipóteses:

H1 – Prevê-se que famílias em IP apresentem maior imprevisibilidade familiar do que famílias da comunidade.

H2 – Espera-se que progenitores com maior nível de escolaridade relatem menor imprevisibilidade familiar; por sua vez, é expectável que ao maior número de filhos no agregado esteja associada maior imprevisibilidade familiar.

H3 – É esperado que o apoio proveniente das redes sociais informais seja percebido como mais útil do que o proveniente das redes formais de suporte.

H4- Espera-se uma relação negativa entre imprevisibilidade familiar e a percepção de suporte social: quanto maior o suporte social percebido menor a imprevisibilidade familiar;

3. Metodologia

3.1. Amostra

Foram constituídas duas amostras de famílias com crianças entre os 2 e os 6 anos: famílias apoiadas pelos serviços de Intervenção Precoce do Distrito de Coimbra e famílias da comunidade envolvente. A amostra (cf. Tabela 1) de famílias apoiadas pela IP é constituída por 60 participantes, 54 mães e 6 pais. A maioria dos respondentes (76.7%) são casados ou vivem em união de facto. Relativamente ao nível de escolaridade, 20% dos participantes têm um nível de estudos superior, 36,7% completaram o ensino secundário, 38.3% o 2º ou 3º ciclos e 5% o 1º ciclo. A maioria (90%) destas famílias têm um ou dois filhos.

A amostra de famílias da comunidade (cf. Tabela 1) é constituída por 100 participantes, 77 mães e 23 pais. A maioria (78%) estão casados ou vivem em união de facto, 11% são solteiros, 10% divorciados e um dos respondentes é viúvo. No que se refere ao nível de escolaridade, 37% dos participantes desta amostra completaram o ensino secundário, 33% têm formação superior, 29% o 2º ou 3º ciclos, e um dos participantes completou apenas o 1º ciclo. 95% destas famílias têm um ou dois filhos.

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica das amostras

	IP (N=60)		Comunidade (N=100)	
	N	%	N	%
Género				
Feminino	54	90%	77	77%
Masculino	6	10%	23	23%
Estado civil				
Casado(a) / União de facto	46	76.7%	78	78%
Viúvo(a)	1	1.7%	1	1%
Divorciado(a)	4	6.7%	10	10%
Solteiro(a)	9	15%	11	11%
Nível de escolaridade				
1º Ciclo	3	5%	1	1%
2º ou 3º Ciclo	23	38.3%	29	29%
Secundário	22	36.7%	37	37%
Superior	12	20%	33	33%
Número de filhos				
1	24	40%	55	55%
2	30	50%	40	40%
3	5	8.3%	4	4%
4	1	1.7%	1	1%

Recorreu-se ao teste do Qui-quadrado para testar se os grupos diferem entre si relativamente ao nível de escolaridade e estado civil. A análise estatística inferencial vem a confirmar que os grupos não diferem entre si quanto ao nível de escolaridade e estado civil dos participantes. Em anexo (anexo 3, Tabelas 1 e 2) apresentam-se as tabelas com os resultados para o teste do Qui-quadrado de independência. Igualmente, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos de famílias no que se refere ao número de filhos ($X^2(3)=3.951$; $p=0.271$; $N=160$).

3.2. Instrumentos

3.2.1. Questionário Sociodemográfico

Foi construído um breve questionário sociodemográfico (anexo

2) para a recolha de dados de caracterização das amostras. O questionário era constituído por questões referentes a dados demográficos e de constituição familiar (género do respondente, estado civil, nível de escolaridade, número de filhos e respectivas idades).

3.2.2. Escala de imprevisibilidade familiar (FUS)

A “*Family Unpredictability Scale*” (FUS) (Ross & Hill, 2000) foi traduzida e adaptada para a população portuguesa por Alarcão e Gaspar (Gaspar & Alarcão, 2003; Alarcão & Gaspar, 2007). Trata-se de um questionário de auto-preenchimento dirigido aos pais (ou substitutos) de crianças e jovens com idades entre os 2 e os 18 anos. Visa avaliar a imprevisibilidade em quatro áreas de funcionamento: *disciplina* (imprevisibilidade em estabelecer e manter regras); *afecto* (inconsistência na resposta às necessidades da criança e à responsividade que lhe deve estar associada); *refeições* (inconsistência no horário e pessoas que partilham as refeições); e *finanças* (instabilidade financeira) (Alarcão & Gaspar, 2007). A escala avalia a imprevisibilidade percebida, nestes quatro domínios, pela pessoa que a preenche. É constituída por 22 itens, distribuídos pelas quatro áreas (*disciplina*: 7 itens; *afecto*: 7 itens; *refeições*: 5 itens; *finanças*: 3 itens), cuja cotação varia entre “de forma alguma” (1 ponto); “um pouco”; “moderadamente”; “bastante”; e “totalmente” (5 pontos)². Existe ainda a opção “não se aplica” que não é cotada. Quanto maior a pontuação, maior a imprevisibilidade. Sendo as subescalas constituídas por número diferente de itens, calcula-se o somatório obtido em cada subescala e divide-se pelo número de itens que a constituem. Assim, o valor máximo possível de obter em cada dimensão da imprevisibilidade é cinco e o mínimo é um. O valor da imprevisibilidade total oscila entre 1 e 110 pontos.

² Alguns itens da escala são cotados de forma invertida.

No estudo de validação da FUS para a população portuguesa, Alarcão e Gaspar (2007) obtiveram um coeficiente alfa de Cronbach de .81 para a escala total. Nas subescalas, este valor foi de .77 para a *disciplina*, .71 para o *afecto*, .70 para a subescala *finanças* e .55 para a *refeições*. De acordo com a interpretação sugerida por George e Mallery (2003) a escala apresenta índices de fiabilidade considerados bons para a escala total e aceitáveis para as restantes dimensões, com excepção do domínio *refeições* cujo valor de alfa obtido é considerado fraco.

3.2.3. “Escala de Avaliação do Apoio Social à Família”

A “Escala de Avaliação do Apoio Social à Família” - “*Family Support Scale*” (FSS) - inicialmente desenvolvida por Dunst, Jenkins e Trivette (1984) e traduzida e adaptada à realidade portuguesa por Coutinho (1999), permite obter informações sobre a dimensão (*disponibilidade*) da rede social do indivíduo que responde ao questionário, assim como a sua percepção sobre o grau de *utilidade* das várias fontes de apoio.

A versão original da escala é constituída por 19 itens mais dois de resposta aberta cuja resposta é opcional. Na versão portuguesa, a escala é constituída pelos mesmos 19 itens da escala original, havendo ainda lugar para um item de resposta aberta (Coutinho, 1999).

O somatório das cotações nos diferentes itens permite obter 8 subescalas³. A subescala a) “*redes informais familiares*” (6 itens) -

³ Na versão original, a “*Family Support Scale-FSS*” é constituída por 5 subescalas: *Afinidade* (inclui o apoio dos amigos, amigos do conjugue, dos próprios filhos, outros pais e membros da igreja/padre), *Suporte do Conjugue/Parceiro* (apoio do conjugue, pais e familiares do conjugue), *Organizações Sociais* (grupos sociais/clubes, grupos de pais, creche/jardim-de-infância, colegas de trabalho), *Suporte Informal* (apoio dos próprios pais e familiares), *Serviços Profissionais* (programa de IP, médico da criança ou da família, assistentes sociais e outros profissionais) (Dunst et al., 1984).

avalia a utilidade de diferentes membros da família (pais, filhos, conjugue/companheiro e outros familiares). A subescala b) “*redes informais de amigos*” (5 itens) avalia a utilidade de diferentes membros informais da rede de apoio da família (amigos, outros pais, colegas de trabalho, vizinhos e amigos do conjugue) Nas c) “*redes informais de grupos sociais*” (3 itens) incluem-se grupos de pais, grupos sociais/clubes e os membros da igreja/padre. Relativamente à avaliação das redes de suporte formal, esta distribui-se por duas subescalas, d) “*redes formais de profissionais*” (2 itens) e e) “*redes formais de serviços*” (3 itens). Na primeira incluem-se os profissionais que prestam apoio à família e à criança (médicos, assistentes sociais, professores,...) e a segunda inclui os serviços formalmente organizados (IP, creche/jardim-de-infância, serviços de saúde, serviços sociais,...). As restantes subescalas permitem calcular a f) *utilidade total das redes informais* (somatório de a), b) e c)); g) *utilidade total das redes formais* (somatório de d) e e)); e h) *utilidade total das redes sociais* (somatório de f) e g)) (Coutinho, 1999). A escala permite-nos obter um resultado global do suporte social percebido (em termos da sua disponibilidade e utilidade), bem como comparar as diferenças no suporte percebido entre as diferentes subescalas. O cálculo do número de fontes de apoio disponíveis é feito através da totalidade de itens não assinalados como “não disponível” e a sua utilidade é determinada com base na soma das subescalas, permitindo avaliar o apoio social de que a família dispõe em termos da sua *quantidade e qualidade*.

Os itens são respondidos numa escala tipo Likert de cinco pontos apresentando cada item as seguintes opções de resposta: “não disponível” (0 pontos); “não ajuda” (1); por vezes ajuda” (2); “geralmente ajuda”(3); “ajuda muito” (4); “ajuda imenso”.

De um modo geral a “Escala de avaliação do apoio social à família” mede a *satisfação parental* (ou do principal cuidador) *face ao*

suporte social percebido relativamente à situação concreta de cuidar de uma criança (Coutinho, 1999).

Não são conhecidos os valores de alpha de Cronbach para a versão portuguesa da escala. Na versão original, Dunst et al. (1984) obtiveram um valor de alpha de .79 para a escala total, indicativo de boa consistência interna.

3.3. Procedimentos

Para a recolha da amostra de famílias com crianças em IP foram contactadas a Associação Nacional de Intervenção Precoce (ANIP) e a Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM), que prestam este apoio no concelho de Coimbra. A recolha da amostra da comunidade foi realizada através de creches e jardins-de-infância dos concelhos de Coimbra e Pombal. Foi elaborada, por escrito, uma proposta de investigação onde eram apresentados os objectivos do estudo e os instrumentos a serem utilizados

Uma vez concedidas as autorizações procedeu-se à aplicação dos questionários aos pais (ou substitutos), entre Fevereiro e Julho de 2011. No caso das famílias com crianças em IP, os questionários foram distribuídos através dos profissionais de IP, e nas famílias da comunidade, pelos educadores de infância. Em alguns casos houve também a possibilidade de contacto directo com os participantes, através de apresentação aos mesmos e breve introdução explicativa sobre o estudo e os seus objectivos, sendo na maioria destas situações o preenchimento assistido pelo investigador.

Todos os instrumentos eram acompanhados de um esclarecimento, por escrito, dos objectivos da investigação, e da garantia do anonimato e confidencialidade dos dados, lembrando também o carácter absolutamente voluntário da colaboração (anexo 1).

4. Resultados

4.1 Propriedades psicométricas dos instrumentos

Os instrumentos utilizados foram objecto de uma avaliação das respectivas propriedades, em particular, a apreciação da sua consistência interna através do coeficiente alfa de Cronbach e análise das intercorrelações entre as subescalas.

4.1.1. Escala de Imprevisibilidade Familiar (FUS)

Considerando a totalidade de participantes no estudo (N=160), obteve-se um coeficiente alfa de Cronbach de 0.866 para a escala total que, de acordo com George e Mallery (2003), pode ser interpretado como um bom índice de consistência interna. Nas subescalas *disciplina* e *afecto* foram obtidos índices aceitáveis, 0.742 e 0.777, respectivamente. A subescala *finanças* apresenta um alfa de 0.595, distanciando-se do valor de 0.70 obtido no estudo de Alarcão e Gaspar (2007). Tal como no estudo de validação da FUS (Alarcão e Gaspar, 2007), o domínio *refeições* apresenta um valor de alpha reduzido (0.605). Os domínios *finanças* e *refeições* apresentam deste modo índices de consistência interna considerados questionáveis segundo George e Mallery (2003) (cf. Tabela 2). Em nenhum dos alfas calculados a consistência interna se alteraria de forma significativa caso fosse retirado algum item (cf. anexo 3, Tabela 3).

Tabela 2: Valores do alpha de Cronbach para o total da FUS e para as subescalas.

	Nº de itens	Alpha de Cronbach	Número de Casos
FUS total	22	0.866	160
Disciplina	7	0.742	160
Afecto	7	0.777	160
Refeições	5	0.605	160
Finanças	3	0.595	160

Analisando as correlações entre as subescalas observou-se que as associações mais acentuadas estão entre *afecto-refeições* ($r=0.624$), *refeições-disciplina* ($r=0.511$), *afecto-disciplina* ($\rho=0.505$) e *disciplina-finanças* ($\rho=0.426$).

Estes resultados coincidem, em parte, com os observados no estudo de Alarcão e Gaspar (2007) e na amostra americana (Ross e Hill, 2000). No primeiro, as correlações mais acentuadas observaram-se entre *afecto* e *refeições* ($r=0.388$) e *disciplina* e *finanças* ($r=0.419$) (Alarcão & Gaspar, 2007). Na amostra americana a correlação mais acentuada ocorria entre *afecto* e *disciplina* ($r=0.47$), não se observando correlações entre *refeições* e *disciplina* e *refeições* e *finanças* (Ross & Hill, 2000).

No presente estudo, as intercorrelações entre as restantes subescalas são também significativas oscilando os seus valores entre 0.312 e 0.320. As subescalas apresentam correlações consideradas baixas (valores entre 0.20 e 0.40) a moderadas (valores entre 0.40 e 0.70) (Guilford, 1956).

Tabela 3. FUS: Intercorrelações

	Média FUS Disciplina	Média FUS Afecto	Média FUS Refeições	Média FUS Finanças
FUS total	0.816**	0.833**	0.787**	0.563**
Média FUS Disciplina	1	0.505**	0.511**	0.400**
Média FUS Afecto	0.505**	1	0.624**	0.312**
Média FUS Refeições	0.511**	0.624**	1	0.320**
Média FUS Finanças	0.400**	0.312**	0.320**	1

** Correlação significativa a 0.01

4.1.2. Escala de Avaliação do Apoio Social à Família (FSS)

A versão portuguesa da *Escala de Avaliação do Apoio Social à Família* (FSS) apresenta, neste estudo, um índice de consistência interna

Imprevisibilidade familiar e percepção do suporte social em famílias sinalizadas para Intervenção Precoce – confronto com famílias de comunidade
Iolanda Carvalho Correia (e-mail:correia.i@hotmail.com) 2012

de 0.710 quando se consideram os 19 itens que a constituem (o item 20 é de resposta aberta não sendo considerando para análise). Quando se consideram as subescalas, o instrumento apresenta valores de alpha de Cronbach de 0.795 para as *redes informais* e de 0.696 para as *redes formais*.

Nas subescalas que integram as redes sociais informais, isto é, *familiares*, *amigos* e *grupos sociais*, obtiveram-se valores de alpha de 0.481, 0.835 e 0.601, respectivamente. Para as subescalas que integram as redes sociais formais, *profissionais* e *serviços*, verificaram-se índices de consistência interna (0.482 e 0.471, respectivamente) considerados inaceitáveis de acordo com a interpretação sugerida por George e Mallery (2003) (cf. Tabela 4).

Tabela 4: Valores do alpha de Cronbach para a FSS total e para as subescalas.

	Nº de itens	Alpha de Cronbach	Número de casos
FSS total	19	0.710	160
Informais	14	0.795	160
Formais	5	0.696	160
Familiares	6	0.481	160
Amigos	5	0.835	160
Grupos Sociais	3	0.601	160
Profissionais	2	0.482	160
Serviços	3	0.471	160

A escala apresenta importantes fragilidades psicométricas particularmente no que se refere às subescalas *profissionais*, *serviços*, *familiares* e *grupos sociais*. Os restantes índices remetem para valores considerados aceitáveis (escala total e *redes formais*) ou bons (*redes informais* e *amigos*). A consistência interna das subescalas *familiares*, *grupos sociais* e *serviços* alterar-se-ia para, respectivamente, 0.575, 0.658 e 0.540, caso fossem retirados os itens 8, 14 e 17 (respectivamente), valores ainda assim baixos (cf. anexo 3, Tabelas 9, 11 e 14).

Tabela 5. FSS: Intercorrelações.

	Média Informais	Média Familiares	Média Amigos	Média Grupos Sociais	Média Formais	Média Profissionais	Média Serviços
FSS total	0.577**	0.313**	0.660**	0.463**	0.487**	0.534**	0.372**
Média Informais	1	0.767**	0.730**	0.421**	0.299**	0.377**	0.181*
Média Familiares	0.767**	1	0.371**	0.210**	0.137	0.149	0.102
Média Amigos	0.730**	0.371**	1	0.426**	0.199*	0.309**	0.052
Média Grupos Sociais	0.421**	0.210**	0.426**	1	0.133	0.190*	0.052
Média Formais	0.299**	0.137	0.199*	0.133	1	0.878**	0.893**
Média Profissionais	0.377**	0.149	0.309**	0.190*	0.878**	1	0.630**
Média Serviços	0.181*	0.102	0.052	0.052	0.893**	0.630**	1

** Correlação significativa a 0.01.

* Correlação significativa a 0.05.

Na Tabela 5 são apresentadas as intercorrelações entre as várias subescalas, obtidas através do coeficiente de correlação de Spearman. Observam-se correlações estatisticamente significativas entre todas as subescalas que integram as redes sociais informais (*redes informais, familiares, amigos e grupos sociais*). Estas correlações são classificadas como sendo baixas a elevadas, estando as associações mais acentuadas entre *redes informais e familiares* ($r=0.767$), *redes informais e amigos* ($r=0.730$), e entre redes de *amigos e grupos sociais* ($r=0.426$).

Igualmente, as escalas que integram as redes sociais formais (*redes formais, profissionais e serviços*) apresentam associações significativas (moderadas a elevadas) entre si, encontrando-se as associações mais acentuadas entre *redes formais e serviços* ($r=0.893$), e entre *redes formais e profissionais* ($r=0.878$). Todas as subescalas apresentam correlações estatisticamente significativas com o resultado total da FSS.

4.2. Apresentação dos resultados

Em seguida expõem-se os resultados obtidos a partir da aplicação dos instrumentos acima apresentados com vista a responder aos objectivos de investigação propostos. A análise de dados foi realizada com recurso ao programa estatístico computadorizado *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 17.⁴ Neste ponto serão apenas apresentados os resultados com diferenças estatisticamente significativas, os outros são remetidos em anexo (anexo 3).

4.2.1. Imprevisibilidade Familiar

Com recurso à versão portuguesa da FUS, foi avaliada a imprevisibilidade familiar apresentada pelas famílias apoiadas pelos serviços de IP e comparada com os valores obtidos em famílias da comunidade com crianças com idades entre os 2 e os 6 anos. Através da leitura da Tabela 6 constata-se que, nas famílias em IP (N=60), a área de funcionamento familiar que apresenta maior imprevisibilidade é a das *finanças* (M=2.2), seguindo-se a do *afecto* (M=2.02). A área onde se observa menor imprevisibilidade familiar é a das *refeições* (M=1.81). O valor médio da imprevisibilidade para a escala total foi de 43.72.⁵

⁴Uma vez que as variáveis dependentes, imprevisibilidade familiar e suporte social, não possuem uma distribuição satisfatoriamente aproximada à normal (testada através do teste Kolmogorov - Smirnov), tornou-se necessário o recurso a métodos que não exigem, à partida, nenhum pressuposto sobre a forma da distribuição amostral – testes não-paramétricos.

⁵ Recorde-se que nas diferentes dimensões da imprevisibilidade os valores oscilam entre um e cinco porque na cotação é calculada uma média das pontuações obtidas em cada subescala, enquanto para o cálculo da escala total se considera o somatório da pontuação em cada um dos 22 itens que a constituem, (oscilando entre 1 e 110 pontos). Quanto maior a pontuação, maior a imprevisibilidade.

Tabela 6. FUS: Mínimos, máximos, médias e desvios-padrão para o grupo de famílias em IP

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
FUS Total	60	22	73	43.73	13.329
Média Fus Disciplina	60	1.00	3.29	1.95	0.676
Média FUS Afecto	60	1.00	3.57	2.02	0.701
Média FUS Refeições	60	1.00	4.00	1.81	0.749
Média FUS Finanças	60	1.00	4.00	2.20	0.901

Na Tabela 7 são apresentados os resultados da amostra da comunidade. Como se verifica da leitura do quadro, as famílias da comunidade revelam maior imprevisibilidade familiar na área das *finanças* (M=1.99) e menor imprevisibilidade no domínio *refeições* (M=1.66), seguindo a mesma tendência da amostra em IP.

Tabela 7. FUS: Mínimos, máximos, médias e desvios-padrão para as famílias da comunidade

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
FUS Total	100	23	64	39.08	9.951
Média Fus Disciplina	100	1.00	3.85	1.76	0.583
Média FUS Afecto	100	1.00	4.00	1.77	0.639
Média FUS Refeições	100	1.00	3.40	1.66	0.536
Média FUS Finanças	100	1.00	4.00	1.99	0.842

A amostra de famílias da comunidade apresenta valores médios de imprevisibilidade familiar inferiores aos da amostra de famílias apoiadas em IP, para a escala total e subescalas; contudo, o recurso ao teste de Mann-Whitney permitiu verificar que as diferenças apenas se apresentam estatisticamente significativas para o *afecto* (cf. Tabela 8), isto é, as famílias em IP são mais inconsistentes no *afecto* do que famílias da comunidade.

Tabela 8. Resultados do teste de Mann-Whitney para a FUS entre famílias em IP e famílias da comunidade

	Mann-Whitney	Significância
FUS Total	2446.5	0.051
Média FUS Disciplina	2534	0.100
Média FUS Afecto	2298	0.013
Média FUS Refeições	2803.5	0.486
Média FUS Finanças	2598.5	0.153

4.2.2. Imprevisibilidade familiar e variáveis sociodemográficas

Procurou-se compreender se variáveis sócio-demográficas como o estado civil, nível de escolaridade e número de filhos se relacionam com a imprevisibilidade familiar. Considerando a totalidade de participantes no estudo (N=160), através do teste Kruskal-Wallis, verificou-se que existe um efeito significativo do nível de escolaridade sobre a imprevisibilidade familiar global ($X^2_{kw}(3)=23.001$; $p=0.000$), *disciplina* ($X^2_{kw}(3)=8.328$; $p=0.040$); *afecto* ($X^2_{kw}(3)=12.663$; $p=0.005$); *refeições* ($X^2_{kw}(3)=9.574$; $p=0.023$); e *finanças* ($X^2_{kw}(3)=24.870$; $p=0.000$).

Observando a Tabela 9, verifica-se que os resultados médios obtidos para a escala total diminuem à medida que aumenta o nível de escolaridade dos progenitores. Os resultados da comparação múltipla de médias das ordens, pelo método LSD de Fisher, indicam que os participantes com 1º ciclo relatam significativamente mais imprevisibilidade do que aqueles que possuem um nível de estudos secundário ou superior, mas não se diferenciam significativamente dos que possuem o 2º ou 3º ciclos de escolaridade; estes últimos apresentam igualmente níveis de imprevisibilidade familiar significativamente superiores aos dos participantes que completaram o ensino secundário ou possuem formação superior; os participantes com um nível de estudos superior apresentam níveis de imprevisibilidade familiar inferiores distinguindo-se de modo significativo de todos os outros níveis de escolaridade.

No domínio *finanças*, famílias em que pelo menos um dos cuidadores possui o ensino secundário completo ou formação superior apresentam níveis de imprevisibilidade significativamente inferiores às famílias em que um dos cuidadores completou o 1º, 2º ou 3º ciclos do ensino básico. No domínio *refeições*, os participantes com um nível de estudos superior distinguem-se de todos os outros grupos, apresentando menor imprevisibilidade, enquanto os restantes não se diferenciam significativamente entre si. Na *disciplina e afecto*, observa-se um padrão semelhante de resultados, com as famílias com o ensino superior completo a apresentar menor imprevisibilidade do que famílias com o 1º, 2º e 3º ciclos. Nestes dois domínios, os participantes que completaram o ensino secundário não se diferenciam dos outros grupos nos níveis de imprevisibilidade relatados.

Quadro 9. Valores da FUS em função dos níveis de escolaridade

		FUS – 4 dimensões				
		Total	Disciplina	Afecto	Refeições	Finanças
Níveis de escolaridade						
Total	a) 1º ciclo (n=4)	52.25	2.32	2.18	3.33	2.15
	b) 2º ou 3º ciclos (n=52)	44.67	1.96	2.05	2.42	1.79
	c) Secundário (n=59)	40.37	1.81	1.84	1.95	1.78
	d) Superior (n=45)	35.93	1.67	1.64	1.70	1.51
		a=b	a=b	a=b	a=b	a=b
		a≠c*	a=c	a=c	a=c	a≠c*
		a≠d*	a≠d*	a≠d*	a≠d*	a≠d*
Teste		b≠c*	b=c	b=c	b=c	b≠c*
LSD		b≠d*	b≠d*	b≠d*	b≠d*	b≠d*
		c≠d*	c=d	c=d	c≠d*	c=d

*Diferenças significativas a 0.05.

O teste Kruskal-Wallis não permitiu detectar um efeito significativo do estado civil dos respondentes nos níveis de imprevisibilidade familiar (cf. anexo 3, Tabelas 16 e 17). Igualmente não se detectaram associações entre o número de filhos e os níveis de imprevisibilidade relatados pelas famílias (cf. anexo 3, Tabela 18).

4.2.3. Suporte Social⁶

De modo semelhante à FUS, para analisar os resultados da *Escala de Avaliação de Apoio Social à Família* (FSS), no que se refere à utilidade do suporte social, foi calculada uma média das pontuações obtidas para cada subescala, oscilando assim os resultados entre o mínimo de um ponto e o máximo de cinco. Para o grau de utilidade total somam-se as pontuações obtidas em cada um dos 19 itens da escala (oscilando entre 1 e 95 pontos). Quanto maior a pontuação, maior a utilidade atribuída ao apoio recebido. O número de fontes disponíveis é dado pelo número de itens respondidos.

A leitura da Tabela 10 permite observar que as famílias apoiadas em IP percebem como mais útil o apoio proveniente de fontes *formais* (M=3.57), nomeadamente dos *serviços* disponíveis (M=3.74) e *profissionais* (M=3.21). Das redes de apoio informal, o suporte proveniente de *familiares* é tido como o mais útil (M=2.80).

⁶ Apesar de algumas subescalas da FSS revelarem, neste estudo, índices de consistência interna considerados baixos ou inaceitáveis (*profissionais, serviços, familiares e grupos sociais*), optou-se por explorar as respostas de ambos os grupos de famílias tendo em conta todas as subescalas que a constituem. Contudo, os resultados delas extraídos não assumem qualquer significado estatístico. Para efeitos estatísticos dever-se-ão ter apenas em conta a escala total e as subescalas utilidade das *redes informais e formais* (a subescala utilidade das redes de *amigos*, apesar de apresentar um bom índice de consistência interna, deixaria de fazer sentido neste novo arranjo da escala).

Quadro 10. FSS: Mínimos, máximos, médias e desvios-padrão para as famílias em IP

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
FSS Total	60	24	60	37.85	7.548
Média FSS Informais	60	1.08	3.67	2.11	0.544
Média FSS Familiares	60	1.00	4.75	2.80	0.790
Média FSS Amigos	60	1.00	3.25	1.58	0.571
Média FSS Grupos Sociais	60	1.00	3.00	1.28	0.611
Média FSS Formais	60	1.20	5.00	3.57	0.754
Média FSS Profissionais	60	1.00	5.00	3.21	0.971
Média FSS Serviços	60	1.33	5.00	3.74	0.791

Nas famílias da comunidade o apoio proveniente das redes informais *familiares* é considerado o mais útil (M=3.13), seguindo-se o proveniente de fontes de apoio formais nomeadamente dos *serviços* (M=2.68). À semelhança do que acontece com as famílias em IP, o apoio proveniente de *amigos* e *grupos sociais* é considerado menos útil.

Tabela 11. FSS: Mínimos, máximos, médias e desvios-padrão para as famílias da comunidade.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
FSS Total	100	12	68	36.11	11.56
Média FSS Informais	100	1.29	3.69	2.30	0.595
Média FSS Familiares	100	1.50	5.00	3.13	0.812
Média FSS Amigos	100	1.00	3.80	1.89	0.782
Média FSS Grupos Sociais	100	1.00	4.00	1.37	0.673
Média FSS Formais	100	1.00	5.00	2.48	0.956
Média FSS Profissionais	100	1.00	5.00	2.20	1.161
Média FSS Serviços	100	1.00	5.00	2.68	1.023

O recurso ao teste de Mann-Whitney permitiu identificar diferenças estatisticamente relevantes entre as médias das amostras no que se refere ao suporte social proveniente de fontes informais- *familiares* e *amigos* – e formais – redes de suporte *formais*, de *serviços* e *profissionais*. (cf. Tabela 12). As famílias da comunidade entendem o apoio proveniente de

familiares e amigos como mais útil do que as famílias em IP. Por sua vez, as famílias em IP reconhecem maior utilidade no apoio que recebem de fontes *formais* do que as famílias da comunidade.

Tabela 12. Resultados do teste Mann-Whitney para a FSS entre famílias em IP e famílias da comunidade

	Mann-Whitney	Significância
FSS Total	2548.5	0.111
Média FSS Informais	2463	0.058
Média FSS Familiares	2276.5	0.011
Média FSS Amigos	2375	0.026
Média FSS Grupos Sociais	2775	0.318
Média FSS Formais	1094.5	0.000
Média FSS Profissionais	1476.5	0.000
Média FSS Serviços	1200.5	0.000

Os grupos não diferem significativamente entre si no que se refere ao número de fontes de apoio disponíveis ($U= 2731.5$; $W=4561.5$; $p=0.336$).

Com recurso ao coeficiente de correlação de Spearman, analisaram-se as relações entre disponibilidade e utilidade do apoio social nos dois grupos de participantes. Na amostra de famílias em IP, obtiveram-se correlações negativas entre o número de fontes de apoio disponíveis e a utilidade dos *familiares* ($\rho= -0.459$), dos *profissionais* ($\rho= -0.316$), bem como com a utilidade média atribuída ao apoio proveniente das redes *informais* ($\rho= -0.545$) e *formais* ($\rho= -0.273$). Na amostra da comunidade obtiveram-se correlações negativas entre disponibilidade e utilidade dos *familiares* ($\rho= -0.286$), utilidade das fontes *informais* ($\rho= -0.220$) e utilidade de fontes *formais* ($\rho= -0.216$), indicando que quanto mais fontes de apoio disponíveis, menor a utilidade atribuída ao apoio proveniente destas redes.

Contudo, obtiveram-se em ambos os grupos, correlações positivas entre disponibilidade e a utilidade da escala total, o que se pode explicar pelo facto de, em termos de cotação, o número de fontes disponíveis aumentar automaticamente a pontuação na utilidade total da escala, isto

é, uma vez que o sujeito tem de classificar numa escala de 1 a 5 a utilidade de cada uma das fontes disponíveis, quantas mais fontes de apoio a família tiver ao seu dispor maior será a utilidade da escala total (mesmo que a classificação atribuída seja 1 = não ajuda). Assim, neste caso dever-se-ão tomar em consideração os valores das subescalas (expressos em médias) para se poderem considerar as relações entre disponibilidade e utilidade do suporte social.

Tabela 13. Coeficiente de Spearman entre disponibilidade e utilidade do suporte social nas famílias em IP (n=60)

	FSS Total	Média FSS Informais	Média FSS Familiares	Média FSS Amigos	Média FSS Grupos Sociais	Média FSS Formais	Média FSS Profissionais	Média FSS Serviços
Disponibilidade de suporte social	0.459**	- 0.545**	- 0.459**	- 0.062	0.018	-0.273*	- 0.316*	- 0.153

**Correlação significativa a 0.01.

*Correlação significativa a 0.05.

Tabela 14. Coeficiente de Spearman entre a disponibilidade e utilidade do suporte social em famílias da comunidade (n=100).

	FSS Total	Média FSS Informais	Média FSS Familiares	Média FSS Amigos	Média FSS Grupos Sociais	Média FSS Formais	Médias FSS Profissionais	Média FSS Serviços
Disponibilidade de suporte social	0.403*	- 0.220*	- 0.259**	- 0.260	0.132	-0.216*	- 0.065	- 0.182

**Correlação significativa a 0.01.

*Correlação significativa a 0.05.

4.2.4. Suporte Social e variáveis sociodemográficas

Exploraram-se as relações entre as variáveis estado civil, nível de escolaridade e número de filhos com a utilidade e disponibilidade do suporte social. Considerando a totalidade de participantes no estudo (N=160) observou-se, através do teste Kruskal-Wallis, que existe um efeito significativo do estado civil sobre a utilidade do suporte proveniente dos familiares ($X^2_{kw}(3)=13.075; p=0.004$). De acordo com a comparação múltipla de média das ordens, pelo método LSD de Fisher, os respondentes que são casados ou viúvos reconhecem maior utilidade do apoio que recebem por parte dos *familiares*, diferenciando-se significativamente dos solteiros e divorciados (cf. Tabela 15).

Tabela 15. Valores da utilidade das fontes familiares em função do estado civil.

	Estado Civil	Média FSS Familiares
Total	a)Solteiro(a) (n=20)	1.97
	b)Casado(a) ou união de facto (n=124)	2.28
	c)Divorciado(a) (n=14)	2.08
	d)Viúvo(a) (n=2)	2.41
Teste LSD		a≠b*
		a=c
		a≠d*
		b≠c*
		b=d*
		c≠d*

*Diferenças significativas a 0.05.

Não se detectaram diferenças significativas entre os diferentes níveis de escolaridade e a utilidade atribuída às fontes de apoio social e, igualmente não se observam associações entre o número de filhos e a utilidade do apoio (cf. anexo 3, Tabelas 20, 21 e 22).

O teste Kruskal-Wallis não detectou um efeito significativo do estado civil ($X^2_{kw} (3)=0.737$; $p=0.865$), nem do nível de escolaridade ($X^2_{kw} (3)=2.613$; $p=0.455$), sobre o número de fontes de apoio que as famílias têm à sua disposição; de igual modo, o número de filhos não faz variar a disponibilidade das fontes de apoio ($\rho=0.67$; $p=0.399$).

4.2.5. Relações entre suporte social e imprevisibilidade familiar

Um dos objectivos desta investigação passou por explorar as relações entre suporte social e imprevisibilidade familiar. Para o efeito foram calculadas correlações através do coeficiente de Spearman (ρ).

Considerando a totalidade de participantes no estudo (N=160), começou-se por explorar as relações entre utilidade das fontes de apoio social e imprevisibilidade familiar. As correlações apresentadas na Tabela 16 revelam-se estatisticamente significativas entre o grau de utilidade atribuído às redes *informais* de apoio e a imprevisibilidade familiar total da FUS ($\rho= - 0.246$), *disciplina* ($\rho= -0.238$), *afecto*

(rho= -0.172) e *refeições* (rho= -0.192). Os coeficientes de correlação apresentam-se todos negativos, indicando o sentido da relação; assim quanto maior a utilidade atribuída ao suporte proveniente de fontes informais, menor tende a ser a imprevisibilidade apresentada pelas famílias, quer no total da FUS como na *disciplina*, *afecto*, e *refeições*, mas não no domínio *finanças*. Do suporte proveniente de fontes informais, a utilidade daquele que é prestado por *familiares* apresenta igualmente associações negativas com a imprevisibilidade familiar global (rho= -0.245) e com os domínios *disciplina* (rho= -0.184) e *afecto* (rho= -0.192). Do suporte das redes formais, apenas a utilidade do apoio dispensado pelos *profissionais* parece contribuir para uma menor inconsistência familiar no que se refere à *disciplina* (rho= -0.157).

No entanto, apesar da sua significância estatística, os valores do coeficiente de Spearman traduzem correlações consideradas baixas (valores entre 0.20 e 0.40) e até insignificantes (valores inferiores a 0.20), de acordo com a interpretação sugerida por Guilford (1956).

Como também se pode observar na Tabela 16, embora não tenham sido obtidas associações estatisticamente significativas entre outros domínios do suporte social e da imprevisibilidade, as relações entre estas variáveis parecem seguir uma tendência negativa.

Quadro 16. Coeficiente de Spearman para as relações entre utilidade do suporte social e imprevisibilidade familiar (n=160)

	FUS Total	Média FUS Disciplina	Média FUS Afecto	Média FUS Refeições	Média FUS Finanças
FSS Total	- 0.090	- 0.085	0.026	-0.097	0.045
Média FSS Informais	- 0.246**	- 0.238**	- 0.172*	- 0.192*	- 0.061
Média FSS Familiares	- 0.245**	- 0.184*	- 0.203*	- 0.154	- 0.146
Média FSS Amigos	- 0.144	- 0.107	- 0.089	- 0.117	- 0.078
Média FSS Grupos Sociais	- 0.103	- 0.087	-0.036	- 0.126	0.017
Média FSS Formais	- 0.114	-0.103	- 0.069	- 0.128	0.034
Média FSS Profissionais	- 0.132	- 0.157*	-0.078	- 0.119	0.033

**Correlação significativa a 0.01.

*Correlação significativa a 0.05.

Não foram observadas associações estatisticamente relevantes entre o número de fontes de apoio disponíveis à família e a imprevisibilidade por ela relatada (anexo 3, Tabela 23).

5. Discussão

Após a apresentação dos resultados, cabe neste ponto a discussão e reflexão sobre os mesmos, procurando lê-los com base no enquadramento teórico-conceptual apresentado numa primeira parte deste trabalho.

No que concerne à imprevisibilidade familiar, avaliada através da versão portuguesa da FUS (Alarcão & Gaspar, 2007), tanto as famílias acompanhadas pelos serviços de IP como famílias da comunidade referem a instabilidade financeira como a principal fonte de inconsistência familiar.

Os grupos coincidem igualmente na área em que apresentam menor imprevisibilidade familiar, a das *refeições*. Estes resultados vão ao encontro dos obtidos no estudo de Alarcão e Gaspar (2007), com 514 mães de crianças e jovens com idades entre os 2 e os 18 anos. As famílias parecem conceder atenção a esta área procurando ser

Imprevisibilidade familiar e percepção do suporte social em famílias sinalizadas para Intervenção Precoce – confronto com famílias de comunidade
Iolanda Carvalho Correia (e-mail:correia.i@hotmail.com) 2012

consistentes na satisfação deste cuidado básico, nos horários e pessoas que partilham as refeições. Na presente investigação este resultado poderá, pelo menos em parte, dever-se à faixa etária das crianças que integram as famílias em estudo. Ross e Hill (2000) verificaram uma associação positiva entre a idade da criança e a imprevisibilidade familiar global e nos domínios *afecto* e *refeições*. Pais de crianças mais velhas reportam maior imprevisibilidade familiar nestas áreas. Assim, o facto de as crianças se encontrarem em idade de grande dependência face aos seus cuidadores, requerendo da sua parte cuidados e rotinas mais consistentes, poderá ajudar a justificar os resultados no domínio das *refeições*. Alarcão e Gaspar (2007) reportam também uma associação positiva entre a idade da criança e imprevisibilidade familiar global, e nos domínios *disciplina* e *afecto* mas não com as *refeições*.

De acordo com a primeira hipótese seriam de esperar níveis de imprevisibilidade familiar superiores nas famílias em IP. As crianças e famílias apoiadas por programas de IP encontram-se sinalizadas por estarem sujeitas a um conjunto de factores de risco susceptíveis de ameaçarem o curso normal de desenvolvimento da criança e de perturbarem a família no cumprimento das suas funções. Estas famílias poderão estar em risco devido a factores associados à criança (e.g. necessidades educativas especiais), a factores associados à própria estrutura e funcionamento familiar (e.g. pobreza, isolamento social, negligência, preocupação relativamente a estilos relacionais ou padrões educativos), ou a ambos, prevendo-se que este estatuto de risco se reflectisse numa maior imprevisibilidade familiar. Contudo, a hipótese inicialmente formulada apenas em parte se confirma. As famílias em IP distinguem-se das famílias da comunidade unicamente na subescala *afecto*. Famílias em IP parecem reflectir maior inconsistência no afecto e na resposta às necessidades, sinais e solicitações da criança do que famílias da comunidade. A presença de

uma constelação de factores de risco parece interferir com a capacidade destas famílias estabelecerem padrões de interacção pautados pela sua consistência e previsibilidade. Nos casos em que a criança apresenta algum tipo de deficiência, as características particulares a ela associadas representam igualmente para a família desafios únicos, na medida em que qualquer factor que perturbe ou distorça as pistas emocionais e comunicativas da criança, tornam mais difícil aos seus cuidadores interpretar e responder a essas mesmas pistas (Fewell, 1986, cit in Flores, 1999). Também Ross e Hill (2000) encontraram maior imprevisibilidade no *afecto* em famílias de contextos clínicos (comparativamente com famílias da comunidade), mas não na escala global e nas outras dimensões da FUS.

O facto de as famílias em IP não se diferenciarem de famílias da comunidade nos outros domínios da imprevisibilidade poderá reflectir um efeito do próprio programa de intervenção. Os programas de IP vão para além do desenvolvimento da criança centrando-se também na melhoria das competências parentais e das relações familiares. A maioria destas famílias recebem uma ou duas horas de apoio semanal por parte de profissionais que as ajudam a enfrentar os “stressores” a que estão sujeitas, a promover o desenvolvimento harmonioso das suas crianças e a capacitá-las no cumprimento das suas funções. Tudo isto deverá traduzir-se na normalização do seu estilo de vida, não se distinguindo significativamente de outras famílias no que respeita a indicadores do funcionamento familiar como a imprevisibilidade.

Coincidindo em parte com os resultados de outros estudos (Alarcão & Gaspar, 2007; Ross & Hill, 2000), à medida que aumenta o nível de escolaridade dos respondentes diminuem os níveis de imprevisibilidade por eles relatados. Respondentes com níveis de escolaridade superior, ou secundário, relatam menos imprevisibilidade familiar global, no *afecto*, *disciplina*, *refeições* e *finanças*.

Ao contrário da hipótese inicial, não se observou uma relação entre o número de filhos e os níveis de imprevisibilidade familiar, facto que poderá dever-se às características da amostra. A maioria das famílias em estudo têm um ou dois filhos e o número reduzido de famílias com três ou mais filhos poderá ter impedido a detecção de diferenças significativas entre as famílias. Recorde-se que Alarcão e Gaspar (2007) no seu estudo com a FUS observaram que famílias com três ou mais filhos relatam significativamente maior imprevisibilidade global e no domínio *finanças* do que famílias com um ou dois filhos.

No que se refere ao suporte social, este, seja sob a forma de serviços formais ou apoios de tipo informal, surge identificado com um recurso de extrema importância em particular para famílias de crianças em situação de risco ou com algum tipo de deficiência. O apoio prestado pelas redes de suporte informais tem sido frequentemente apontado pelos pais como o mais importante para a sua família; as relações com as redes de suporte pessoais (familiares, amigos, vizinhos...), caracterizadas por maior proximidade psicológica e emocional e por cuidados mútuos, são privilegiadas pelas famílias que a elas recorrem em primeira instância quando necessitam de apoio se as considerarem disponíveis para tal (Dunst et al., 1988, 1999; Flores, 1999). Contudo, quando o sistema de apoio informal da família é limitado ou insuficiente para ajudá-la no alcance dos seus objectivos e satisfação das suas necessidades, as fontes de apoio formais podem apresentar-se como uma fonte valiosa de suporte e, por vezes, a única disponível (Crokenberg, 1988). Isto parece de certo modo reflectir-se no presente estudo em que as famílias de crianças em risco, e por isso apoiadas pelos serviços de IP, reconhecem maior utilidade do apoio proveniente de fontes *formais*, nomeadamente dos *profissionais* e *serviços*. Um mesmo padrão de resultados foi anteriormente obtido noutros estudos com a FSS em famílias de crianças com necessidades educativas especiais e apoiadas

em IP (Coutinho, 1999; Craveirinha, 2003). Por sua vez, famílias da comunidade atribuem maior utilidade ao apoio que recebem dos *familiares*. Curiosamente estas famílias consideram como mais úteis, depois dos *familiares*, os *serviços formais*, mesmo antes dos *amigos*. Em ambos os grupos os apoios provenientes de *amigos* e *grupos sociais* são entendidos como os menos úteis. Recorde-se que a FSS avalia a utilidade das fontes de suporte disponíveis à família face à situação concreta de cuidar da criança. Em muitos casos as redes de *amigos* (amigos, vizinhos, colegas de trabalho, outros pais) podem estar disponíveis e até prestar apoio útil à família ou a algum dos seus elementos, a diversos níveis, mas não necessariamente quando se trata de cuidar da criança.

No presente estudo são assim as fontes de apoio familiares e formais (e.g. creche, jardim de infância, programa de IP, serviços sociais, médicos, educadores) que são percebidas como mais úteis à família quando se trata de ajudá-la com as suas crianças.

No que se refere às relações entre o número de redes de apoio disponíveis e a utilidade que lhes é atribuída, estas ainda não são claras. Há estudos com a FSS em que se encontraram correlações positivas entre o número total de fontes disponíveis e a utilidade do apoio social (Craveirinha, 1999); noutros tais relações não foram observadas (Flores, 1999). Neste estudo foram encontradas, em ambos os grupos de famílias, correlações negativas entre o número total de fontes disponíveis e a utilidade atribuída a algumas fontes de apoio. Estes resultados vão ao encontro das advertências de Crnic e Stormshak (1997) que afirmam que disponibilidade não implica necessariamente utilidade e que a compreensão do apoio fornecido às famílias não pode limitar-se à avaliação dos recursos disponíveis porque podem não lhes ser úteis; igualmente, vários autores (Affleck et al., 1989; Barrera et al., 1986; Crnic & Stormshak, 1997; Dunst et

al., 1997; Henly, 1997) têm demonstrado que os efeitos do suporte social nem sempre são positivos.

No que se refere às relações entre suporte social e variáveis socio-demográficas apenas se encontrou um efeito do estado civil na utilidade atribuída ao apoio proveniente de familiares. Os respondentes casados ou viúvos atribuem maior utilidade ao apoio que recebem dos familiares do que os que são solteiros ou divorciados. Quando os respondentes são casados existem, para além do conjugue, outros familiares (sogros e /ou parentes do conjugue) prováveis de ajudar a família e a criança; o mesmo se espera que aconteça quando os respondentes são viúvos em que essa perda não quebra os laços dos seus familiares com a criança que lhes é próxima. Por sua vez, quando os respondentes são solteiros ou divorciados, a ausência do parceiro e progenitor da criança poderá levar à inexistência ou a um menor apoio e proximidade por parte dos seus familiares.

Um dos principais objectivos deste estudo passou por explorar as relações entre suporte social e imprevisibilidade familiar. Diversos estudos (e.g. Dunst & Trivette, 1986; Canavarro & Pereira, 2001; Cutrona & Troutman, 1986, cit *in* Pinheiro, 2003) têm evidenciado o impacto positivo resultante da ajuda prestada à família e à criança por indivíduos ou grupos de um modo formal ou informal. Vários autores (Barrera et al., 1986; Crnic & Stormshak, 1997; Crokenberg, 1988; Dunst et al. 1988) sugerem que o suporte social que a família recebe tende a repercutir-se positivamente quer na saúde e bem-estar dos seus membros individuais quer em aspectos do funcionamento familiar como os estilos de interacção entre os seus membros, estilos parentais e os cuidados prestados à criança.

No sentido esperado, observaram-se associações negativas entre a utilidade das redes *informais* e os níveis de imprevisibilidade familiar global, no *afecto*, *disciplina* e *refeições*. Parece deste modo que uma maior utilidade do apoio proveniente das redes *informais* está

associada a menor imprevisibilidade nestes domínios. As análises evidenciaram também que a utilidade do suporte dado por *familiares* se associa negativamente à imprevisibilidade global, no *afecto* e *disciplina*; por sua vez, a utilidade do apoio prestado por *profissionais* tende a reflectir-se numa menor imprevisibilidade na *disciplina*.

No entanto, os valores das correlações obtidos apresentam-se baixos sugerindo cautela na sua interpretação. Não podemos ignorar que o suporte social representa apenas um dos diversos factores que num contexto ecológico-social influenciam o funcionamento e comportamento dos indivíduos. Muitos outros factores, protectores ou de risco, contribuem para essas variações, assim como ainda não é certo se a imprevisibilidade é causa ou consequência dos problemas que afectam a família e as interacções entre os seus membros.

O número de fontes de apoio disponíveis não se correlacionou com os níveis de imprevisibilidade relatados, resultado consistente com a ideia de que a multiplicação de fontes de apoio não implica necessariamente eficácia.

6. Conclusões

A imprevisibilidade tem sido apontada como um indicador da vulnerabilidade da família e dos seus membros individuais. Crescer num sistema familiar onde os acontecimentos e interacções são imprevisíveis e incontroláveis tem demonstrado repercutir-se de forma particularmente negativa no desenvolvimento dos elementos mais novos da família. Por outro lado, a existência de relações de suporte social tem sido associada a efeitos positivos na função parental e, consequentemente, no comportamento e desenvolvimento da criança.

Quando a família já se encontra sinalizada como estando em risco, o suporte social apresenta-se precisamente como um dos factores sobre o qual podemos intervir de forma a influenciar

positivamente a família. Nos casos em que as relações de apoio informais são pouco úteis, ineficazes ou inexistentes, o apoio das redes formais (serviços e profissionais) pode apresentar-se como fundamental para ajudar famílias em risco a adaptar-se à parentalidade e a alcançar a normalização do seu estilo de vida. A evolução dos paradigmas conceptuais e os resultados de numerosos trabalhos de investigação têm vindo a comprovar a importância de uma intervenção ou apoio precoce, quer em termos de efeitos observados na criança como nas modificações evidenciadas pela família (Coutinho, 1999).

O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão das relações entre suporte social e imprevisibilidade familiar em famílias sinalizadas para a Intervenção Precoce e sua comparação com famílias da comunidade.

São de mencionar algumas limitações que o estudo apresenta. Em primeiro lugar, ambas as escalas (principalmente a FSS) revelaram fragilidades psicométricas que remetem para a necessidade de se continuar a avaliar a sua validade e fidelidade. O reduzido número de participantes e a discrepância de participantes entre os grupos desencorajam a generalização de resultados, devendo a investigação aqui descrita ser entendida como um estudo de carácter exploratório. O alargamento quantitativo das amostras, bem como uma maior aleatorização e diversificação das mesmas (sobretudo no que concerne ao género dos sujeitos e número de filhos), constituem aspectos a ter em conta em próximos trabalhos. Os baixos valores das correlações entre suporte social e imprevisibilidade familiar remetem também para a necessidade de explorar estes resultados em amostras de maior dimensão e de se explorarem/controlarem outras variáveis como os efeitos do próprio programa de IP.

Espera-se que os resultados deste trabalho possam representar, ainda que modestamente, um ponto de partida para futura pesquisa no

campo da avaliação do suporte social e da imprevisibilidade em famílias em risco, assim como para a exploração de factores susceptíveis de incrementar a eficácia das intervenções. Este estudo aponta para o interesse de se conhecerem os níveis de imprevisibilidade familiar assim como as características das redes de suporte das famílias tendo em vista não só a sua utilidade avaliativa e “diagnóstica” de famílias em risco, mas também a sua relevância em termos de intervenção, na identificação dos pontos fortes e fragilidades da família, de modo que técnicos e famílias possam, conjuntamente, desenhar soluções de mudança.

Bibliografia

- Affleck, G., Tennen, H., Rowe, J., Roscher, B., & Walker, L. (1989). Effects of formal support on mothers' adaptation to the hospital-to-home transition of high-risk infants: The benefits and costs of helping. *Child Development*, *60*, 488-501.
- Alarcão, M. & Gaspar, F. M. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia*, *17* (36), 89-102. Acedido a 12 de Dezembro de 2010 em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a09.pdf>
- Alexandre, S. & Felizardo S. (2010). Os efeitos do suporte social em famílias de crianças com deficiência. In *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Braga: Ed. Universidade do Minho.
- Azêdo, D. (2010). *O suporte social e a percepção do estado de saúde na maternidade na adolescência*. Dissertação de Mestrado em Psicologia apresentada à Faculdade Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa.

- Barrera, M., Rosenbaum, P. & Cunningham, C. (1986). Early home intervention with low birthweight infants and their parents. *Child Development, 57*, 20-33.
- Beckley, M. N. (2006). Community participation following cerebrovascular accident: Impact of the buffering model of social support. *American Journal of Occupational Therapy, 60*, 129–135.
- Bruhn, J. & Philips, B. (1983). Measuring social support: a synthesis of current approaches. *Journal of Behavioral Medicine, 7* (2), 151-169.
- Burnett, G., Jones, R., Bliwise, N. & Ross, L. (2006). Family unpredictability, parental alcoholism, and the development of parentification. *The American Journal of Family Therapy, 34*, 181-189.
- Canavarro, M, & Pereira, A. (2001). Gravidez e maternidade na adolescência: Perspectivas teóricas. In M. Canavarro (Ed.), *Psicologia da gravidez e da maternidade* (pp.323-357). Coimbra: Quarteto Editora.
- Caplan, G. (1974). *Support systems and community mental health*. Nova Iorque: Behavioral Publication.
- Chisholm, J. (1996). The evolutionary ecology of attachment organization. *Human Nature, 7* (1), 1-37.
- Cohen, S. & McKay, G. (1984). Social support, stress and the buffering hypothesis: a theoretical analysis. In S. E. Taylor & J. E. Singer (Eds.). *Handbook of Psychology and Health*. (pp. 253-267). New Jersey: Hillsdale
- Cohen, S. & Wills, T. (1985). Stress, social support and the buffering hypothesis. *Psychological Bulletin, 98*, 310-357.
- Cook, W. (2000). Understanding attachment security in family context. *Journal of Personality and Social Psychology, 78* (2), 285-294.

- Coutinho, T. (1999). *Intervenção Precoce: Estudo dos efeitos de um programa de formação parental destinado a pais de crianças com Síndrome de Down*. Tese de Doutoramento. Lisboa, FMH.
- Coutinho, T. (2004). Apoio à família e formação parental. *Análise Psicológica*, 1 (XXII), 55-66.
- Craveirinha, F. M. (2003). *Redes de apoio social em Intervenção Precoce: disponibilidade, utilidade e necessidades*. Dissertação de Mestrado em Educação Especial apresentada à Faculdade de Moricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.
- Crockenberg, S. (1988). Stress and role satisfaction experienced by employed and nonemployed mothers with young children. *Lifestyles: Family and Economic Issues*, 9 (2), 97-110.
- Crnic, K. & Stormshak, E. (1997). The effectiveness of providing social support for families of children at risk. In M. Guralnick (Ed.). *The effectiveness of early intervention* (pp.3-18). Baltimore: Paul H. Brooks.
- Cassel, J. (1975). The contribution of the social environment to host resistance. *American Journal of Epidemiology*, 141 (9), 1-15.
- Danker-Brown, P. & Baucom, D. (1982). Cognitive influences on the development of learned helplessness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43 (4), 793-801.
- Decreto-Lei nº 281/2009. Diário da República, 1ª série – Nº 193 – 6 de Outubro de 2009.
- Dekovic, M., Janssens, J. & Van As, N. (2003). Family predictors of antisocial behavior in adolescence. *Family Process*, 42 (4), 223-235.
- Dunst, C. & Trivette, C. (1986). Looking beyond the parent-child dyad for the determinants of maternal styles of interaction. *Infant Mental Health Journal*, 7 (1), 69-80.

- Dunst, C. & Trivette, C. (1990). Assessment of social support in early intervention programs. In S. Meisels & J. Shonkoff (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (pp. 326-349). Cambridge: Cambridge University Press.
- Dunst, C., Trivette, C. & Deal, A. (1988). *Enabling and empowering families. Principles and guidelines for practice*. Cambridge: Brookline Books.
- Dunst, C., Trivette, C. & Jodry, W. (1997). Influences of social support on children with disabilities and their families. In M. Guralnick (Ed.). *The effectiveness of early intervention* (pp.3-18). Baltimore: Paul H. Brooks.
- Dunst, C. J. (1998). Apoiar e capacitar as famílias em intervenção precoce: o que aprendemos? In. L. M. Correia, & A. M. Serrano, (Eds.). *Envolvimento parental em intervenção precoce. Das práticas centradas na criança às práticas centradas na família* (pp. 77-91). Porto: Porto Editora.
- Dwairy, M. (2010). Parental Inconsistency: A parental consistency cross-cultural research on parenting and psychological adjustment of children. *Journal of Child of Family Studies*, 19, 23-29.
- Flores, A. M. (1999). *Stress maternal e redes de suporte social: um estudo com mães de crianças com síndrome de Down*. Dissertação de Mestrado em Educação Especial apresentada à Faculdade de Moricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.
- Gaspar, M. F. & Alarcão, M. (2003). *Versão portuguesa da Family Unpredictability Scale (FUS)*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra. Documento não publicado.
- George, D. & Mallery, P. (2003). *SPSS for Windows Step by Step*. Boston: Pearson Education In.

- Guilford, J. P. (1956). *Fundamental Statistics in Psychology and Education*. Nova Iorque: McGraw Hill.
- Helgeson, V. S. (2003). Social support and quality of life. *Quality of Life Research*, 12, 25-31.
- Henly, J. R. (1997). The complexity of support: the impact of family structure and provisional support on african american and white adolescent mothers' well-being. *American Journal of Community Psychology*, 25 (5), 629-655.
- Hill, E., Jenkins, J. & Farmer, L. (2008). Family unpredictability, future discounting, and risk taking. *The Journal of Socio-Economics*, 37, 1381-1396.
- House, J. S. (1981). *Work Stress and Social Support*. Reading, Massachussets: Addison-Wesley.
- Israel, B. A. (1985). Social networks and social support: implications for natural helper and community level interventions. *Health Education Quarterly*, 12 (1), 65-80.
- Kaplan, B., Cassel, J. & Gore, S. (1977). Social support and health. *Medical Care*, 15 (5), 47-58.
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: retorno às origens. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13, 139-156.
- Maroco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4 (1), 65-90.
- Pakenham, K. & Bursnall, S. (2005). Relations between social support, appraisal and coping and both positive and negative outcomes for children of a parent with multiple sclerosis and comparisons with children of healthy parents. *Clinical Rehabilitation*, 20, 709-723.
- Peterson, C. (1985). Learned Helplessness: fundamental issues in theory and research. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 3, 248-254.

- Petrill, S., Pike, A., Price, T. & Plomin, R. (2004). Chaos in the home and socioeconomic status are associated with cognitive development in early childhood: environmental mediators identified in a genetic design. *Intelligence*, 32, 445-460.
- Pinheiro, M. R. (2003). *Uma época especial: suporte social e vivências acadêmicas na transição e adaptação ao ensino superior*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Pimentel, J. (1997). *Um bebé diferente: da individualidade da interação à especificidade da intervenção*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, J. L. (1999). Escala de satisfação com o suporte social. *Análise psicológica*, 3 (8), 547-558.
- Rodrigues, V. (2008). *Satisfação com o suporte social em indivíduos com perturbação psiquiátrica: um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado em Psicologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa.
- Ross, L., & Hill, E. (2000). The Family Unpredictability Scale: reliability and validity. *Journal of Marriage and the Family*, 62(2), 549-561.
- Ross, L. & Hill, E. (2001). Drinking and parental unpredictability among adult children of alcoholics: A pilot study. *Substance Use and Misuse*, 36, 609-638.
- Ross, L. & Hill, E. (2002). Childhood unpredictability, schemas for unpredictability, and risk taking. *Social Behavior and Personality*, 30 (5), 453-474.

- Ross, L., & McDuff, J. (2008). The Retrospective Unpredictability Scale: Reliability and validity. *Journal of Child of Family Studies, 17*, 13-27.
- Ross, L. & Wynne, S. (2010). Parental depression and divorce and adult children's well-being: the role of family unpredictability. *Journal of Child and Family Studies, 19*, 757-751.
- Sarason, I., Levine, H., Basham, R., & Sarason, B. (1983). Assessing social support: The Social Support Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology, 44* (1), 127-139.
- Scalf-McIver, L. & Thompson, J. (1989). Family correlates of bulimic characteristics in college females. *Journal of Clinical Psychology, 45*, 467-472.
- Seeman, T. E. (1998). Social ties and health: the benefits of social integration. *Ann Epidemiol, 6* (5), 442-451.
- Serra, V. A. (1999). *O stress na vida de todos os dias*. Coimbra
- Serrano, A. M. (2007). *Redes sociais de apoio e sua relevância para a intervenção precoce*. Porto: Porto Editora.
- Siqueira, M. (2008). Construção e validação da Escala de Percepção do Suporte Social. *Psicologia em Estudo, 13*, 381-388.
- Simeonsson, R. & Bailey, D. (1990). Family Dimensions in early intervention. In: Meisels, S. J.; Shonkoff, J. P. (Eds.). *Handbook of early childhood intervention*. (pp. 428-444). Cambridge: Cambridge University Press.

Anexos

Anexo 1 – Consentimento

Exm^o./^a. Senhor/a,

Venho por este meio solicitar a sua colaboração num projecto de investigação inserido no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

O objectivo desta investigação consiste em estudar a forma como o apoio recebido face à tarefa de cuidar das suas crianças influenciam o modo como as famílias lidam com os seus problemas.

Para o efeito, se tiver **filhos com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos de idade**, solicitámo-lhe que nos ceda uns minutos do seu tempo e preencha os questionários em anexo.

A sua colaboração é voluntária, estando o anonimato e a confidencialidade dos resultados absolutamente garantidos. As respostas aos questionários serão introduzidas em bases de dados para posterior tratamento estatístico.

O seu contributo para esta investigação é extremamente importante e desde já agradecemos profundamente a sua colaboração e disponibilidade.

A aluna,

Iolanda Correia

Anexo 2 – Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

1. Género

Masculino

Feminino

2. Estado Civil

Solteiro(a)

Casado(a) ou em união de facto

Separado(a) ou divorciado(a)

Viúvo(a)

3. Nível de
Escolaridade _____

4. Número de filhos

5. Idades dos seus filhos

6. Algum dos seus filhos é actualmente apoiado
pelos serviços de Intervenção Precoce?

Sim

Não

**Anexo 3 – Tabelas com os resultados não estatisticamente
significativos**

Tabela 1. Resultados do Qui-quadrado de independência para o nível de escolaridade em função do grupo.

		N	Grupo		Total
			IP	Comunidade	
Nível de Escolaridade	1ºciclo	N	3	1	4
	2º ou 3º ciclos	N	23	29	52
	Secundário	N	22	37	59
	Superior	N	12	33	45
Total		N	60	100	160

Teste Qui-quadrado									
		Monte Carlo Sig. (2-sided)					Monte Carlo Sig. (1-sided)		
		99% Confidence Interval					99% Confidence Interval		
	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Sig.	Lower Bound	Upper Bound	Sig.	Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	5.660 ^a	3	0.129	0.121 ^b	0.113	0.129			
Likelihood Ratio	5.680	3	0.128	0.149 ^b	0.140	0.158			
Fisher's Exact Test	5.532			0.119 ^b	0.110	0.127			
Linear-by-Linear Association	4.916 ^c	1	0.027	0.030 ^b	0.026	0.035	0.016 ^b	0.012	0.019
N of Valid Cases	160								

a. 2 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,50.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 2000000.

c. The standardized statistic is 2,217.

Tabela 2. Resultados do teste do Qui-quadrado de independência para o estado civil em função do grupo

			Grupo		
			IP	Comunidade	Total
Estado Civil	Solteiro	N	9	11	20
	Casado	N	46	78	124
	Divorciado	N	4	10	14
	Viúvo	N	1	1	2
Total		N	60	100	160

Teste Qui-quadrado									
				Monte Carlo Sig. (2-sided)			Monte Carlo Sig. (1-sided)		
				99% Confidence Interval			99% Confidence Interval		
	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Sig.	Lower Bound	Upper Bound	Sig.	Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	1.098 ^a	3	0.778	0.830 ^b	0.820	0.839			
Likelihood Ratio	1.102	3	0.777	0.830 ^b	0.820	0.839			
Fisher's Exact Test	1.393			0.779 ^b	0.769	0.790			
Linear-by-Linear Association	0.511 ^c	1	0.475	0.530 ^d	0.517	0.543	0.289 ^d	0.277	0.300
N of Valid Cases	160								

a. 2 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,75.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 624387341.

c. The standardized statistic is ,715.

Tabela 3. Itens FUS: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
1	2.44	1.175	0.864
2	2.40	1.106	0.860
3	1.79	0.961	0.859
4	2.19	1.204	0.865
5	1.62	0.924	0.856
6	1.77	1.047	0.855
7	1.71	0.949	0.859
8	2.42	1.146	0.861
9	2.19	1.224	0.864
10	1.53	0.816	0.861
11	1.71	0.894	0.858
12	2.03	0.987	0.860
13	1.92	1.213	0.863
14	1.65	1.004	0.853
15	1.95	1.115	0.861
16	1.98	0.977	0.859
17	1.32	0.864	0.863
18	1.63	0.888	0.858
19	1.88	1.074	0.859
20	1.29	0.732	0.860
21	1.72	0.972	0.860
22	1.71	1.032	0.863

Tabela 4. FUS Disciplina: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
5	1.71	1.032	0.755
8	2.03	0.987	0.701
10	2.42	1.146	0.687
12	1.53	0.816	0.719
15	1.62	0.924	0.722
18	1.95	1.115	0.694
22	1.63	0.888	0.695

Tabela 5. FUS Afecto: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
1	1.79	0.961	0.758
3	1.71	0.949	0.746
7	1.71	0.894	0.732
11	1.65	1.004	0.709
14	1.88	1.074	0.744
16	1.98	0.977	0.749
19	2.44	1.175	0.797

Tabela 6. FUS Refeições: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
2	2.40	1.106	0.533
6	1.77	1.047	0.496
13	1.92	1.213	0.583
17	1.32	0.864	0.595
20	1.29	0.732	0.540

Tabela 7. FUS Finanças: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
4	2.19	1.204	0.431
9	2.19	1.224	0.451
21	1.72	0.972	0.574

Tabela 8. Itens FSS: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
1	3.08	1.703	0.716
2	2.21	1.530	0.704
3	2.13	1.359	0.681
4	1.68	1.267	0.677
5	3.71	1.473	0.724
6	2.11	1.169	0.673
7	1.46	1.109	0.670
8	1.79	1.802	0.711
9	1.49	1.122	0.678
10	1.17	0.947	0.686
11	1.24	0.970	0.688
12	0.81	0.863	0.694
13	0.93	0.919	0.699
14	1.13	0.652	0.705
15	2.48	1.254	0.682
16	1.55	2.098	0.757
17	3.61	1.419	0.703
18	2.36	1.760	0.708
19	1.88	1.386	0.708

Tabela 9. FSS Familiares: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
1	3.08	1.703	0.527
2	2.21	1.530	0.368
3	2.13	1.359	0.356
4	1.68	1.267	0.282
5	3.71	1.473	0.459
8	1.79	1.802	0.575

Tabela 10. FSS Amigos: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
6	2.11	1.169	0.781
7	1.46	1.109	0.807
9	1.49	1.122	0.803
10	1.17	0.947	0.800
11	1.24	0.970	0.817

Tabela 11. FSS Grupos Sociais: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
12	0.81	0.863	0.249
13	0.93	0.919	0.497
14	1.13	0.652	0.658

Tabela 12. FSS Informais: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
1	3.08	1.703	0.808
2	2.21	1.530	0.794
3	2.13	1.359	0.769
4	1.68	1.267	0.764
5	3.71	1.473	0.809
6	2.11	1.169	0.765
7	1.46	1.109	0.758
8	1.79	1.802	0.810
9	1.49	1.122	0.769
10	1.17	0.947	0.769
11	1.24	0.970	0.777
12	0.81	0.863	0.778
13	0.93	0.919	0.787
14	1.13	0.652	0.792

Tabela 13. FSS Profissionais: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
15	2.48	1.254	^a
18	2.36	1.760	^a

^aThe value is negative due to a negative average covariance among items. This violates reliability model assumptions. You may want to check item codings.

Tabela 14. FSS Serviços: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
16	1.55	2.098	0.322
17	3.61	1.419	0.540
19	1.88	1.386	0.203

Tabela 15. FSS Formais: Médias, Desvios-Padrão e Alfas de Cronchach com exclusão dos itens

Item	Média	Desvio-Padrão	Alfa com exclusão do item
15	2.48	1.254	0.675
18	1.55	2.098	0.661
16	3.61	1.419	0.693
17	2.36	1.760	0.550
19	1.88	1.386	0.630

Tabela 16. Resultados na FUS em função do estado civil

Estado civil	Total	FUS			
		Média Disciplina	Média Afecto	Média Refeições	Média Finanças
Solteiro(a)(n=20)	41.45	1.85	1.80	1.72	2.2
Casado(a)ou união de facto (n=124)	39.88	1.79	1.83	1.69	2.0
Divorciado(a) (n=14)	46.57	2.13	2.14	1.87	2.42
Viúvo(a) (n=2)	52.50	2.29	2.57	2.2	2.45

Tabela 17. Resultados do Teste de Kruskal-Wallis: FUS e estado civil

	FUS Total	Média FUS Disciplina	Média FUS Afecto	Média FUS Refeições	Média FUS Dinheiro
Chi-Square	4.146	3.579	0.562	4.351	4.446
df	3	3	3	3	3
Significância	0.246	0.217	0.311	0.905	0.226

Tabela 18. Coeficientes de Spearman entre o número de filhos e os resultados da FUS

	FUS Total	Média FUS Disciplina	Média FUS Afecto	Média FUS Refeições	Média FUS Finanças
Nº de Filhos	0.081	0.003	0.090	0.023	0.068
Significância	0.308	0.966	0.256	0.774	0.394
N	160	160	160	160	160

Tabela 23. Coeficientes de Spearman entre Disponibilidade do suporte social e FUS

	FUS	Média	Média	Média	Média
	Total	Disciplina	Afecto	Refeições	Finanças
Disponibilidade de					
suporte social	0.060	0.086	0.082	0.054	0.053
Significância	0.454	0.280	0.301	0.498	0.504
N	160	160	160	160	160